Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de
Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

HÉSIO CORDEIRO

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Depoimentos Avulsos

Entrevistado – Hésio Cordeiro (HC)

Entrevistadores – Nilson Moraes (NM), Marcos Chor Maio (MM) e Paulo Gadelha (PG)

Data – 02/12/1986

Local – Sem informação

Duração – 2h45min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

CORDEIRO, Hésio. *Hésio Cordeiro. Entrevista de história oral concedida ao projeto Depoimentos Avulsos*, 1986. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 38p.

Sumário

Fita 1 - Lado A:

- seu nascimento em Juiz de Fora;
- referência a formatura do pai, em Medicina;
- sua origem familiar e lembrança dos pais e avós;
- sobre a trajetória profissional de seu pai;
- lembranças de sua família e infância;
- a presença da religião na sua formação;
- recordações do Colégio Militar;
- sua infância no Méier.

Fita 1 - Lado B:

- breve referência a seu avô;
- seu ingresso no Colégio Militar e lembrança dos colegas;
- referência a sua simpatia por Getúlio Vargas e recordações do Golpe de 64;
- lembranças do Colégio Militar.

Fita 2 - Lado A:

- lembranças do Colégio Militar e a rivalidade com outras escolas;
- breve referência a acontecimentos políticos da sua juventude;
- novas referências ao Colégio Militar e recordações de sua juventude;
- alusão a seu irmão, Eraldo;
- as festas na sua juventude, no Méier;
- sua opção pela Medicina e a dedicação de seu pai pela profissão.

Fita 2 - Lado B

- sua opção pela Medicina e a dedicação do pai pela profissão;
- o ambiente cultural de sua família;
- sobre sua atuação na Universidade;
- a influência de seu pai na sua escolha pela Medicina;
- lembranças de sua passagem pela escola pública e da infância no Méier;
- comentário sobre a qualidade do ensino público no seu tempo;
- a ligação com sua mãe e a influência religiosa;
- os programas que assistia na sua infância;
- breve comentário sobre seu relacionamento com os pais;
- sua trajetória estudantil.

Fita 3 - Lado A

- A conjuntura sob a qual estava inserida a Faculdade
- O diretório acadêmico e sua atuação
- O Partido Comunista e a Faculdade de Ciências Médicas

Fita 3 - Lado B

- Grupo de estudos teóricos em torno do professor universitário Piquet Carneiro
- Atuação profissional ainda na formação acadêmica
- Visão sobre possível dicotomia entre sua militância sobre questões internas (Faculdade) e externas.

Data: 02/12/1986

Fita 1 – Lado A

NM - Bom, então nós começamos agora uma série de encontros com o doutor Hésio Cordeiro, em que nós vamos discutir de uma maneira diferente do nosso trabalho até agora. Até agora, nós, nos 24 encontros anteriores, nós encontramos pessoas que fizeram a história da Previdência Social, aqueles que fizeram carreira dentro da Previdência Social, ou em torno da Previdência social. O doutor Hésio é o mais jovem dos nossos entrevistados, e é aquele que vem como um intelectual, o homem que sai da academia, para ocupar um posto político de importância nacional. Dr. Hésio, para esse encontro do projeto INAMPS/Fiocruz, estão presentes Marcos Chor Maio, Paulo Gadelha e Nilson Moraes. Dr. Hésio, vamos lá do início. Onde e quando o senhor nasceu?

HC - Nasci em Juiz de Fora, em 25 de maio de 1942, por acidente, porque meu pai servia nessa época no Exército, trabalhava em Juiz de Fora, e logo após ele resolve voltar para o Rio de Janeiro, então eu nasci em Minas, e aos dois anos de idade estava de volta, então quer dizer, chegava ao Rio de Janeiro e ele passava a fazer curso médico, a estudar medicina, aos poucos foi saindo da Medicina Veterinária e entrando na Medicina clínica, então a partir daí, quer dizer, a partir dessa mudança de cidades é que, eu ainda me lembro bem o momento que ele se formou em 1949, eu tinha nessa idade, nessa época já sete anos. Eu lembro da formatura dele, da festa de formatura, etc, então eu tenho essa vertente mineira, pelo lado do nascimento, e depois uma trajetória no Rio de Janeiro. Uma trajetória bem urbana, de Rio, muito pouco interiorana, em termos de Minas Gerais.

NM - Quer dizer que não existia uma história anterior da família em torno de Juiz de Fora?

HC - Não, não tem, hoje eu não tenho parentes em Minas, exceto parentes ligados a um irmão de meu pai, que depois, muitos anos mais tarde se casou com uma moça de Juiz de Fora, e não tem na realidade nenhuma relação de parentesco em Minas. Citei são pessoas amigas da época, famílias que eram do conhecimento do meu pai e da minha mãe, e que vez por outra ainda mantenho algum grau de contato, etc., em uma recente visita a Juiz de Fora, encontrei um dentista que era amigo dele da época do Exército, um reencontro, histórias de Minas Gerais, de Juiz de Fora, quando ele servia lá no Exército, mas não há assim um elo mais permanente, elo de digamos, cunho familiar com Juiz de Fora. É só é uma coisa afetiva pelo lado, digamos, da “mineiridade” que ficou presente.

PG – É isso que está me chamando atenção, Hésio. Com apenas dois anos você conseguiu captar essa “mineirice” aí? Como é que foi isso? (risos)

HC - Não sei. Acho que de alguma forma, depois fica um pouco dessa cultura, desse mito, dessa cultura mineira, de fazer as coisas com certo jeito, com certa preocupação em ampliar as áreas de trabalho e não criar atritos imediatos, agora isso não é provavelmente uma característica de família, porque na realidade não, não tem, a minha, nem pelo lado do meu pai, nem pelo lado da minha mãe, pelo lado dela a origem é o interior do estado do Rio, Paraíba do Sul, enfim, tem uma outra característica, e pelo lado do meu pai, a família toda, os

parentes todos sempre viveram no Rio de Janeiro, quer dizer acho que é um pouco depois, ao longo da vida estudantil, da universidade, é que essa característica vai aflorar um pouco mais.

MM - Seu pai... Quer dizer, você é de uma família de tradição militar, ou só o seu pai que...

HC - Não, na realidade, ele foi pro Exército até como estratégia de sobrevivência mesmo, financeira, etc., queria fazer Medicina, o pai dele era um funcionário público da Central do Brasil, da estrada de Ferro, era ferroviário, aliás, uma coisa importante, que nos anos, em 1949, 1950, já, portanto, no Rio de Janeiro, meu avô costumava me colocar no colo, e ir pra janela da casa onde morávamos todos juntos, para ouvir os discursos de Getúlio, então eles contam, que eu não me lembro direito, mas eles contam que eu imitava o Getúlio, "Trabalhadores do Brasil...", então que eu fazia, dava o mesmo tom de voz do Getúlio. Então por parte da família do meu pai, funcionário público e pastor protestante, então tem essa vertente na formação. E uma família de classe média baixa, todos nasceram e praticamente todos continuaram morando em Madureira, Cascadura, Jacarepaguá, quer dizer, era uma família bem digamos, de pequena burguesia, e tal.

Pelo lado da minha mãe, também não tem nenhuma tradição assim especial, em termos de história da cidade do Rio, ela nasceu em Petrópolis, a família toda é de origem de Paraíba do Sul, e o pai dela, quer dizer, o meu avô, era um advogado de interior. Um advogado que trabalhava muito assim defendendo pequenas causas de famílias do interior, problemas de herança, pequenas causas de comerciantes, era uma pessoa que viajava muito, quer dizer, a imagem que eu tenho assim é dele sempre em viagens, e às vezes vindo ao Rio de Janeiro nos visitar, morava no interior, e vinha ao Rio... Era um bom contador de histórias do interior, de episódios do interior, dos episódios de luta por heranças, coisas ligadas, por exemplo, a minas de estanho, envolvido em também envolvimentos de famílias, certos ramos da família dele que ele nunca conseguiu recuperar as tais minas de estanho, mas ele ficou um pouco marcado assim, histórias de interior, pelo lado do meu avô, quer dizer, o pai da minha mãe. E por parte do meu avô, pai do meu pai, fica muito marcada assim essa imagem da... Não é nem que ele fosse assim uma pessoa politicamente engajada, não era, mas era "Getulista", creio que pelo lado da trajetória da Estrada de Ferro Central do Brasil, da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil, ele e a questão mesmo do funcionário público, funcionário público que ascendeu a partir de um trabalho num organismo estatal, e este não há uma tradição digamos militar.
Depois o meu pai, ele chegou a ser general na reserva, né, general médico, mas já bastante afastado da vida militar propriamente dita, e transformou, se tornou professor na escola veterinária do Exército, e trabalhou numa área de radiologia, ele fez múltiplas atividades, trabalhou em radiologia, depois trabalhou em microbiologia, dava cursos, ele foi um pouco o introdutor na escola veterinária do Exército, da formação regular dos veterinários, por isso ele tenha sido mais destacado talvez na trajetória militar dele, e numa linha que, digamos, sob ponto de vista da trajetória política dele ele se engajou em movimentos militares, embora isso é uma coisa que marcou muito a minha vida, quer dizer, em 64, foi assim uma grande ruptura, uma grande discussão, e na época do golpe, é um momento que eu não esqueço, quer dizer, coronel Montanha ocupando o forte de Copacabana, meu pai exultando com o golpe, e eu absolutamente transtornado, chorando, e querendo ir para rua, defender o Jango, etc. Então, pelo lado militar não há provavelmente uma espécie de tradição militar, não chega a ser isso, na realidade ele era muito pouco militar, ele, o projeto dele de vida foi muito mais sempre ligado à Medicina, e na realidade foi à Medicina que ele acabou se dedicando.

MM - Essa, sobrenome Cordeiro, é origem portuguesa, não?

HC - É, o Cordeiro, eu não identifico bem, não tenho muita coisa. É de origem portuguesa, como judeus novos?

MM - Cristãos-novos.

HC - Cristãos-novos. Judeus foram convertidos, e pelo lado do Albuquerque, que é o nome do meu avô, ele era Cavalcanti Albuquerque, ele tem uma origem em Pernambuco e uma das histórias é a coisa ligada a Jerônimo de Albuquerque, na colonização, na coisa de Pernambuco, quer dizer, o meu avô, por parte de mãe, ele tinha um hobby de fazer a árvore genealógica da família, e ele apontava as origens com Jerônimo de Albuquerque, e o casamento de Jerônimo de Albuquerque com uma índia, que daí nasce a família Cavalcanti Albuquerque. Essa árvore genealógica na verdade se perdeu na morte dele, quer dizer, nunca mais se achou, era uma coisa que ele estava trabalhando, que ele estava recolhendo, mais nunca mais foi recuperado, nenhuma das anotações dele todo mundo, nenhum tipo de documento que pudesse esclarecer um pouco isso, também não havia, sei lá, na nossa família nunca houve esse tipo de preocupação maior, foi uma coisa que não marcou muito.

PG - O senhor fala que os vínculos familiares (...) eles se mantiveram presentes numa grande parte da sua vida? Na relação dos avôs e primos?

HC - É, se mantém sem muita frequência, mas se mantém, e pelo lado dessa família do meu pai, sempre a imagem, e até quando eu reencontro com eles, é uma família toda que se instalou, é interessante, tem uma outra vertente aí, que é a da minha avó, da mãe do meu pai. Ela tem o nome francês, Julieta Henriaux, e o pai dela era um comerciante de perfumes franceses que veio pro Brasil no final do século, e que na virada do século ele é um, quer dizer, na realidade a minha avó hoje tem 90 e, 98 anos, ela tem, ela conta ainda muito isso, na virada do século, ele era um comerciante muito, com bastante prestígio no Rio de Janeiro, ele importava perfumes franceses, vendia, principalmente pelo carnaval, importava lança-perfumes, rodo e, então era um comerciante de relativa riqueza, não era um sujeito rico, mas bem situado, digamos, e, depois já em torno da década de 10, 1910, essa coisa vai entra em regridem, as dificuldades de importação, se desloca o eixo de relação da Europa/Brasil e Estados Unidos, relacionamento comercial, e em termos de importação de certos produtos como o perfume, etc., isso vai se desorganizando, vai se tornando mais difícil, e ele acaba vendendo a fábrica. Ele importava essências, e a partir de certo momento ele importa essências e começa a fabricar perfumes no Brasil, mas em 1910, 1920, esse negócio dele já se desorganizou muito, ele não é propriamente, não há uma riqueza da família minha avó a partir daquilo, dessa atividade comercial, importação de produtos, tipo perfumes, sabonetes, lança-perfumes, etc., mas é interessante por que ela tem, quer dizer, ela conta sempre isso com muita riqueza, em termos dessa vertente francesa, de um comerciante francês que veio pro Brasil, talvez fosse lado, digamos, possivelmente de maior tradição aí até cultural, refinamento de... Ela conta muito as serestas, os saraus, em casa em torno do piano, e esse negócio aos pouco, essa vida se decai quando ela já casada com o marido dela, com o pai do meu pai, isso aí já vai se desfazendo.

Há uma nítida ruptura, um corte aí nessa, nesse dois momentos, demarca bem, ela conta muito a vida numa casa grande, numa casa muito confortável, a vinda à cidade para fazer compras, para vender, para ir aos bailes de carnaval, os desfiles de carnaval, etc., depois isso desaparece um pouco, e na realidade ela passa a ter muito mais uma vida de subúrbio, aí já pelos dois lados, quando meu pai volta do Rio de Janeiro, meus pais voltam pro Rio de Janeiro, eu lembro bem a casa em que eles moravam, que era no Riachuelo, uma casa, um sobrado bastante simples na rua Victor Meirelles, então era na rua Victor Meirelles, um sobrado, que, enfim, ali viviam os pais do meu pai, meu pai, minha mãe, e eu. Meu irmão nasce em 49, ainda vivíamos nessa mesma casa. Depois, lógico, aí uma casa não muito grande, com a família meio embolada, sempre havia algumas formas de atrito, e discussão e tal, isso também ficou muito marcado e eles mudam, mas mudam pra uma vila, na boca do Mato, na rua Fábio Luz, é uma vila, e uma das casas fica morando o meu avô, a mulher dele, e o irmão do meu pai, que se casou mais tarde, casa com 30 e poucos anos, 36 anos, e na outra casa meu pai, minha mãe, meu irmão Heraldo e eu, e a vida então muito típica de Méier, de brincadeiras de vila, bicicleta, de soltar balão, soltar pipa, enfim, de jogar pelada na rua, quer dizer, uma vida bem assim, de uma área urbana, de uma vida urbana de subúrbio, né, de urbano porque não tinha nenhum contato com chácaras, com sítios, com fazendas, a família não fazia incursões ao estado do Rio, e nem havia propriedades, o que havia algumas viagens de férias a Paraíba do Sul, na casa das irmãs da minha mãe, que também viviam, e vivem, algumas estão vivas ainda, de uma forma simples, mais ou menos modesta, em Paraíba do Sul, e em Três Rios, em Três Rios talvez fosse um lado da família que naquele momento fosse até mais dinâmica, o meu tio, casado com a irmã da minha mãe, ele era engenheiro, com uma empresa de construção civil, muito atuante na construção de estradas, eu guardo muito essa coisa dele construindo a estrada de Petrópolis a Três Rios, fazendo reformas na estrada de Três Rios a Juiz de Fora, todo o meu contato com Juiz de Fora ele se dava através de Três Rios, do tio Hélio e da tia Dulce, cuja ligação deles era muito mais a Juiz de Fora do que ao Rio de Janeiro. Eles iam muito mais a Juiz de Fora e contavam coisas de Juiz de Fora, do que nós íamos a Juiz de fora. Três Rios fazia a mediação com Juiz de Fora e o Rio de Janeiro.

PG - E o papel da religião pra sua família?

HC - Pelo lado do meu pai a formação dele foi muito influenciada pelo pai dele, que era pastor protestante, de freqüentar a igreja presbiteriana, e ser uma pessoa muito atuante nessa área, a minha avó, que era católica, ao se casar com ele, passa para a religião protestante, minha mãe, de formação católica bastante rígida, bastante tradicional, em relação ao catolicismo, e estudou em colégio de freiras em Petrópolis, enfim, toda a família em Três Rios, em Paraíba do Sul, família de freqüentar a igreja, religiosamente aos domingos, e a minha formação... Isso também está muito marcada, porque pelo menos dessa fase da Fábio Luz, em diante, eu já tinha aí seis pra sete anos, era uma coisa absolutamente obrigatória ir à missa aos domingos, às seis horas da manhã, seis, sete horas da manhã, num convento, que havia perto da tal vila onde nós morávamos, era um negócio meio misterioso, era um convento, com grades, era um certo receio, um certo temor, mas ao mesmo tempo era um lugar muito bonito, até hoje eu me lembro do cheiro das flores nas ladeiras desse convento, que era um lugar onde também a gente ia brincar, brincar, esconder, brincar de aventuras, nesses terrenos vazios existentes aí em volta do convento, mas então, e depois pelo lado da própria escola pública, porque a escola

pública tem uma, a formação religiosa dentro da escola pública também foi grande, a gente quase que era obrigado a freqüentar o catecismo da escola, fazia a primeira comunhão...

Eu me lembro dessa coisa vestido de branco, com toda a, com todo o ritual da primeira comunhão, e pelo menos até a época do Colégio militar, eu freqüentava, todo domingo ia à missa, acho que um pouco, o certo afastamento em relação à igreja, no sentido de não ser mais um católico, católico praticante, isso vai se dar depois, já na universidade. Mas, nessa época, havia muita coisa do catolicismo, mas era um certo compromisso entre o meu pai e a minha mãe, porque, como ele, eu ficava meio dividido entre o catolicismo e o protestantismo, e adotava uma posição cristã. A pessoa que acredita em Deus, mas que não é propriamente nem católico, nem protestante, então ele poderia, não lembro dele indo a nenhum culto protestante, lembro de ele ir algumas vezes à missa, a postura dele não era a postura do católico, daquele católico mais carola, enfim, o ritual de fazer todas as rezas, cânticos, enfim, não era, já minha mãe, não, continua tendo, todo domingo ela vai à missa, mas aos poucos, é lógico, a partir, principalmente, dos últimos anos de colégio militar, e depois na universidade, se reduz muito o grau de cobrança em relação à igreja, e ficou um pouco um certo grau de convivência pacífica, nem eu contestava, nem eles mesmos me cobravam, enfim, era uma certa conciliação de posições, e na em todas as coisas mais vinculadas à igreja a minha ligação se torna muito mais pro lado da política, apesar de eu ter pesadas discussões, intensas discussões, papel de Dom Helder [Câmara] na época da década de 60, final de Juscelino e Jango, pouco esse período, um certo, começa a surgir uma coisa na igreja em relação a manifestações políticas mais progressistas, e depois, depois de 64 também, quer dizer, a trajetória do Dom Helder ainda no Rio de Janeiro, na coisa do São Sebastião aqui, da...

PG - A cruzada de São Sebastião?

HC – Então ele defendia que era preciso construir casas para favelados, e eles achavam que não, que era preciso acabar com as favelas, botar o pessoal pra trabalhar e tirar o pessoal da cidade, levar para outro lugar, quer dizer, aí havia sempre uma certa, certa não, uma discordância bastante profunda, então se dá, esse relacionamento se dá mais pelo lado da política do que pelo lado da religião, quer dizer, a gente não discute muito, aliás, isso é pouco característico da família, não é uma família de intensa verbalização de posições, talvez isso que seja o lado mineiro da família, sem ser mineira a família. Então ia acabar encontrando sem que haja grandes verbalizações, sem que haja uma intensa verbalização das divergências. O que às vezes também provoca rupturas pesadas, entende, aí, pá!

PG – Agora Hésio, só uma coisa... O senhor falou da entrada no colégio militar, e antes da escola pública onde a presença do ensino religioso era grande, no colégio militar você não tem isso presente. Isso altera de alguma forma?

HC - Não tem isso presente, mas tinha um capelão do colégio militar, que era uma figura muito marcante, então tinha também, eram duas coisas no colégio militar que marcam, era o capelão e o maestro do canto orfeônico, e eu não sei por que junto muito as duas por que tinha coisa do cantor orfeônica na igreja, na capela do colégio militar, quer dizer, mas ali era mais tênue essa presença religiosa, embora nessa fase o que marca-se muito, até em termos assim religiosos e manifestações, é a morte de um estudante que foi num conflito com a escola técnica nacional, o Horácio, enfiaram um compasso na carótida do Horácio, um processo,

depois o colégio militar inteiro destroçou a escola técnica nacional, e aí uma série de missas, reverências ao corpo do Horácio, então isso é talvez o mais marcante, e além de haver todo ano a Páscoa dos militares, todo ano havia a páscoa dos militares, e o pessoal em casa cobrava muito se eu ia comungar no dia da Páscoa no colégio militar ou se eu ia comungar na igreja do bairro e tal.

PG - E comungava?

HC - Comungava.

PG - Quando você falou do Méier, falou com certo carinho da rua Fábio Luz. Como era o Méier? Como era viver a infância no Méier?

HC – (...) Essa recordação de uma vida relativamente solta, ali mais ou menos livre, bastante simples, você não tinha nem televisão, não havia a presença intromissora da televisão, a vida era muito na rua, na vila, na patota ali da vila, nos grupos, essa coisa de um certo tipo de aventura, no fundo era isso. Fazia exploração... Como era uma região que não tinha prédios, não tinha edifícios, tinha muitas vilas, ladeiras, e terrenos vazios, tal, era muito comum as crianças todas saírem, os amigos da vila saírem todos pra fazer exploração em terrenos, fazer acampamento, brincar de Tarzan. Explorar minas, fazer expedições, e uma das coisas, quer dizer, cinema, por exemplo, era uma coisa rara de ir porque havia um único cinema lá no bairro, e esse cinema era com bancos de madeira, assim sem encosto, as oito horas da noite, e em geral meus pais não deixavam eu ir, não me perguntem porque isso, a história de cinema era sempre uma briga qualquer, eu tinha que fugir, escapar, pra ir ao cinema na Boca do Mato, geralmente com os pais de algum outro guri qualquer ali da redondeza. Agora, há pouco tempo atrás um amigo meu que eu não encontrava há muito tempo, ele trouxe uma coisa que ele tinha guardado, que a mãe dele tinha guardado em casa, que era um jornal da vila, um jornal da rua, um jornalzinho que a gente fazia batendo à máquina, não tinha xerox, não tinha mimeógrafo, a gente batia várias vezes e tirava cópias em papel carbono, e que eu fazia era uma reportagem sobre a falta d'água no Rio de Janeiro, quer dizer, "Está faltando água no Méier, até quando o governo vai continuar permitindo", e uma outra que era greve dos bondes.

PG - Isso em que ano, mais ou menos?

HC - Isso eu devia ter uns oito anos, quer dizer. Eu dia ter de oito pra nove anos, foi em 1950. Entre 50, 52.

MM - É interessante que você está mencionando esses dois artigos, que são artigos de... Que você está com contestação a um quadro social existente na época, você com oito anos e uma situação dentro de uma família que me parece conservadora?

HC - É, exatamente. De vez em quando, enfim, contando as histórias e tal, eles diziam que meu avô, pai da minha mãe, que era uma figura muito marcante, porque eles vinham, aí chegavam e saíam, estava de passagem. Ele tinha muito essa coisa, ele vinha do interior, no trem com uma capa de guarda-pó, e eu acho, quer dizer, a imagem que eu guardo dele é de ser o lado mais liberal da família.

Fita 1 – Lado B

HC - Bom, então depois eles contaram essa história como uma coisa, primeiro que meu avô não vivia dentro da família, que chegava, que passava e tal, comentários assim brincando que ele fazia.

PG – Só pra líder, né?

HC - Está com cara de líder, cara de líder, mas isso não, eu não lembro dele dizendo isso, alguma coisa deve ter ficado marcado e de uma forma inconsciente tal, e que muito tempo atrás e até na hora do INAMPS e tal, meu pai e minha mãe conversando contavam essa história, "Ah, bem que o pessoal lá dizia na vila na Boca do Mato" e tal.

PG - E era curioso...

HC - E o Carnaval, o carnaval que a gente brincava no bonde. Pegava o bonde em Boca do Mato e ia até o Méier, ali grande aventura, ali era o carnaval do bonde, né? Era outra coisa bonita do Méier, mas depois na outra fase do jardim candelária também, lá já é um outro momento, já não tem essa coisa, aí já entra o período da adolescência, já no colégio militar, na realidade eu me ligo muito pouco ao bairro ali.

PG - O que eu ia aproveitar, que eu estou curioso, nessa sua passagem pelo colégio militar. Era opção tua ingressar no colégio militar, ou era pela família?

HC - Primeiro pela qualidade, meu pai me levou pra fazer o exame de admissão no colégio militar. O exame de admissão no colégio militar eu tinha seis anos de idade, eu entrei no colégio militar com...

PG - Dez anos?

HC - É, não, dez anos, é, escola primária, aos dez anos de idade, ou nove anos, no quinto ano primário eu já faço colégio militar.

PG - Em que ano foi?

HC - Eu estava entrando em 1952, 52, então eu entro no colégio militar para fazer a admissão. E, quer dizer, o que eu tinha assim muito presente é que era um dos melhores colégios do Rio de Janeiro, dava um bom ensino e era de graça. Quer dizer, meu pai nessa época já estava trabalhando como médico e como militar, como capitão do Exército, de manhã ele ia pro Exército, e à tarde e à noite, principalmente no final da tarde e início da noite ele ia dar consulta do outro lado do Méier, na Maria da Graça. Quer dizer, na realidade ele passava, o trabalho era bastante cansativo, ele passava um longo tempo fora de casa, o Colégio Militar talvez muito mais, era um negócio de muita cobrança, ter que estudar, passar, e tal. Tinha os famosos "cargos de fogo" no final do ano, que se você não passasse você corria o risco de ser

jubilado, então, agora no colégio militar, isso aí não é uma avaliação da época, lógico, é uma avaliação de agora, os professores muito progressistas, inclusive. Alguns eram chamados de comunistas, depois eu soube que alguns deles foram cassados em 64.

PG - O senhor lembra alguns desses nomes?

HC - Um deles é professor da UERJ, hoje, ele não era, ele era visto como uma pessoa de esquerda, e na realidade ele hoje se encontra comigo e diz "Ah, eu não sou, eu não era aquilo que eles achavam, mas também não sou reacionário", e tal.

PG - Quem era?

HC - Era o Pires, da Faculdade de... Eu nunca lembro [...] fez parte da Reune (????), votou na Reune, Orlando Pires, Orlando Pires. O outro era um professor de Física, chamado Tito Canto, Tito Canto foi candidato inclusive a deputado e perdeu essa eleição, e tinha passado algum tempo, num desses golpes da vida, ele tinha passado um tempo fora do país, depois voltou, foi reintegrado no Exército, mas era uma história meio nebulosa assim, mas o Tito Canto era visto como, esse era considerado comunista. Havia um processo de História de nomes Kramer, major Kramer, que marcou muito assim na minha formação, porque aí vem, no do colégio militar, a trajetória dentro do colégio militar vai se ligando muito mais à História e às Ciências naturais, e já no científico depois a Filosofia, do que a área técnica, Matemática, Física, Química, que era o forte do colégio militar. Todas essas áreas eram áreas boas, não eram áreas valorizadas, todo mundo entrava no Colégio militar, pra ir pra AMAN[1], pra Marinha ou pra Aeronáutica. Pouquíssimos seguiam a carreira civil, então o que se valorizava era, digamos, as Ciências Exatas, particularmente se você pretendia ir pra Marinha, que aí era fundamental saber muito bem Física, ser muito bom aluno em Química e Matemática, e eu era um péssimo aluno de Matemática, era um péssimo aluno de Física, um regular aluno de Química, bom aluno de Ciências.

Interrupção na gravação

HC - Ciências médicas.

PG - Nas ciências médicas? E ele brigava com o Rolando Monteiro, porque nessa época a ciência médica era privada, ele brigando com o Rolando Monteiro, porque o Rolando Monteiro só permitia que o pessoal fizesse prova se tivesse pago, ele não pode pagar, e não deixou fazer o exame final, uma coisa assim, então tem essas histórias do Rolando Monteiro, conheço essas histórias ainda na época de ginásio, que era um sujeito muito marcante ali.

NM - O Marcos fez uma pergunta sobre o nacionalismo, e a posição lá dentro da escola militar. Mas você viveu aquela instituição num período muito rico de lutas, tem o contra-golpe do [Henrique Batista Duffles Teixeira] Lott, a tentativa de impedir a posse de JK [Juscelino Kubstichek], como é que isso era visto, como é que isso era vivido ali dentro da escola militar?

[1] Academia Militar de Agulhas Negras.

HC - Isso, eu não muita lembrança disso dentro do Colégio Militar, quer dizer, pra mim, tem uma lembrança muito marcante que foi a morte do Getúlio, mas isso aí foi vivido muito dentro de casa, porque aí tinha toda a coisa do Lacerda, e o clube da Lanterna, a Tribuna da Imprensa, e meu pai era Lacerdista fanático, e eu getulista roxo, então eu defendia Getúlio, acompanhava aquela coisa toda, as denúncias que o Lacerda fazia, os jornais, chegava em casa com os jornais do dia, a Tribuna da Imprensa, e eu detestava aquele negócio, então a morte de Getúlio, eu lembro que eu estava fardado, indo pro Colégio militar, quando o rádio anuncia a morte do Getúlio, aí foi um desespero, aí eu chorei, foi assim um horror, mas não lembro disso dentro do Colégio militar, depois o Lott e, quer dizer, Lott e JK, a lembrança que eu tenho, eu procurando convencer pessoas da família a votar no JK, votar no Juscelino, contra a posição do meu pai que votava no...

MM - Juarez Távora?

HC - Juarez, Juarez? Ai meu Deus.

MM - Juarez é em 60, não?

HC - Juarez é contra, mas Juarez, contra o Juscelino era o Juarez. Era?

Risos

NM - Vou dar uma checada.

MM - No próximo encontro a gente...

HC - Então havia essa coisa, depois, o contra-golpe do Lott, que aquilo eu acompanhei com todas os detalhes, Carlos Luz, todo esse episódio de, como chama? Do Café Filho, Carlos Luz, a deposição do Café Filho, a saída, a renúncia de Café Filho e depois o golpe, a tentativa de golpe, o Lott defendendo, o Lacerda saindo, indo pra fora da Baia de Guanabara, a tentativa de bombardear o forte, e tal, essa coisa eu acompanhava pelo rádio assim, detalhe a detalhe, mas eu não tenho a lembrança disso dentro do Colégio militar, aí não sei, pode ser também pelo lado da, porque o Colégio militar pra mim era muito, ir lá, fazer o, eu não tinha propriamente uma vida muito associativa dentro do Colégio militar, então eu não sei como é que isso repercutia dentro dos quadros de professores, e tal.

PG - O senhor não tem dados de oficiais que foram presos?

HC - Não lembro disso. Aí não lembro, quer dizer, todos esses episódios eu lembro pelo acompanhamento em casa, pelos jornais, pelo rádio, e as discussões em casa, quer dizer, isso deu, em 54 e 55, estava muito marcado isso, e o jornal, maldito jornal aquele, e o Clube da Lanterna, um negócio que era uma...

MM - Hésio, pegando mais desde quando você passou para o colégio militar, você sentiu... Havia competição, dentro do colégio militar, entre os alunos, os turnos...

HC - Havia.

MM - Como é que era isso?

HC - Havia muito nessa coisa da graduação dos alunos, ser coronel aluno, que era a graduação máxima. Isso ao mesmo tempo que era uma competição muito estimulada, mas era objeto também de muita, digamos de estigmatizar o cara que chegava a ser coronel aluno. Roberto Alcântara era um coronel aluno, então era muito gozado, porque se dizia, ah, o coronel-aluno é uma babaca, aquele cara é meio babaca, era o "CDF", era o babaca, ou era o "CDF". Acho que babaca já estava na linguagem da época, senão você era o CDF, era muito marcante, e ser CDF.

MM - Pele, de repente?

HC - Não, pele era o cara que, digamos que era um pouco vítima dos outros, quer dizer, era um pouco vítima dos outros, ou mandava o cara fazer por você, o cara tinha que se apresentar, tinha que cumprir uma tarefa militar qualquer, sei lá, limpar as armas, então o pele era esse, ou o que cumpria todas as ordens com absoluta correção e tal, esse era o pele, mas o coronel-aluno era o CDF, ser CDF nem sempre é uma boa coisa, né, então a competição vinha muito por esse lado, pelo lado de estimular, ser ou não ser graduado, e aí eu nunca fui.

Fita 2 – Lado A

HC - É, aí já era repressivo.

PG – O sujeito era oficial, e aí o cara jogava tênis na parede, no salão assim... E ao mesmo tempo era um grande mistério (...) daquela coisa assim que aconteceu um golpe, tem um cara aqui preso, era pai de um colega, mas estava trazendo armas. Esse clima assim...

HC - A imagem que eu tenho é um certo grau de liberalismo assim na coisa, né, liberalismo, dentro do colégio, liberalismo no sentido de discussão de idéias.

PG - Eleição pro Clube Militar não repercutia lá dentro?

HC - Não. Pelo menos entre os estudantes assim, não. Quer dizer, pelo lado da, você está falando do ponto de vista da competição , da graduação, ser ou não ser major-aluno, ou tenente-aluno, ou pelo lado do esporte, do desempenho nos esportes, os atletas sempre tinham mais facilidades e tinham mais regalias, podiam sair da aula, ou chegar mais tarde, transferir uma prova, tinham regalias para aquele que era um bom desportista, ou quem disputava bem os campeonatos da cavalaria, ou quem era CDF.

MM - Mas você colocou uma questão de que, o pessoal da infantaria, o pessoal da artilharia, havia uma certa...

HC - As cavalarias ali dentro...

MM - Como é que era o critério de seleção disso aí?

HC - Era por nota, quer dizer, os melhores alunos poderiam escolher.

MM - Entre ficar...

HC - Entre ficar, eu poderia ser um excelente aluno, se eu quisesse ir pra cavalaria eu teria direito de opção. Então, digamos, a escolha era de acordo com a ordem de colocação e de acordo com o preenchimento das vagas. Em geral, os alunos que iam pra artilharia eram os melhores colocados. Aí tinha também um outro fator aí, era, a artilharia era mais leve o trabalho militar, a infantaria tinha que marchar pra burro, e a cavalaria era vista assim como um negócio meio grosso. Quer dizer, o tipo do grosso do cavalariano, que chegava botas, e tal, e desfilava com as menininhas da escola normal, de botas, na São Francisco Xavier, então esse era do grosso, e o artilheiro era visto assim, intelectualmente mais preparado, enfim, um sujeito intelectualmente melhor dotado. Isso não teria, não atraía mais as menininhas, não?

MM - Isso não atraia mais as menininhas, não?

HC - Não, atraia mais o cavalariano, pelas vestimentas, pelas botas, o pessoal via, pegava o bonde com esporas, e tal, aquilo era extremamente, o cara da artilharia não era tanto por aí, quer dizer, não tinha esse tipo de...

PG - Você citou a disputa com a escola técnica, e também havia com o Pedro II também?

HC - Era escola técnica e o Pedro II, os dois que havia sempre disputa e geralmente em torno das meninas da escola normal.

PG - Da escola normal.

HC - O que desencadeava era alguém que estava namorando uma menina, e o outro...

PG - Você viu aquele seriado da televisão?

HC - Vi.

PG - Eles iam inaugurar algumas indicações por ali. Trouxe lembranças?

HC - Não, acho que reconstitui razoavelmente bem, acho que tinham algumas coisas da postura militar que não aparecem, não mostram a vida dentro do Colégio militar. Por exemplo, essa coisa que sempre me marcou muito, daquele negócio do cabelo, o cabelo daquele do rapaz, não era nitidamente o cabelo do Colégio militar na década de 50, já as meninas estão,

era exatamente aquilo, elas quase que continuam sendo, acho que não mudou muito, e a coisa de ir Tijuca, de ir à Praça Saens Peña, ir ao Cinema Carioca, de preferência, fora do horário, quer dizer, no horário da aula, mas aí se você era apanhado fardado no cinema, isso era um dos motivos de prisão.

PG - Isso que eu ia te perguntar, andar fardado na rua, era uma coisa, como é que era, existia uma estigmatização, era uma coisa bem recebida, como é que era?

HC - Não, aí quando você com o Pedro II ou com a escola técnica, você era chamado de cachorrinho matriculado, é outra coisa que o seriado não mostra, é o fato de ser muito estigmatizado, você vai ver muita gozação, então você era cachorrinho matriculado, e geralmente assobiavam, como se estivesse chamando cachorro, aí era outro motivo de sair pau, sair porrada e sair briga na rua e tal. Então quando você vai fardado pra um lugar qualquer, você tinha sempre esse risco, eu detestava andar fardado, eu nunca andava muito tempo fardado, acho que por isso também, nesse trajeto casa-colégio militar-casa eu sempre tinha o receio de ser gozado no meio da rua, ser chamado de cachorrinho, a outra coisa que eu detestava era aquele quepe, achava que o quepe incomodava, esquentava, e tal.

NM - Falamos do Pedro II, falamos da Escola técnica, mas em relação à escola da Aeronáutica e à escola da Marinha, como que é era o clima, a convivência, entre a Escola Naval e a escola de Aeronáutica?

HC - É, porque aí, digamos era o pessoal que estava no científico do Colégio militar, você terminava e ia pra AMAN, você tinha ao mesmo tempo a escola...

PG - Você tinha o Colégio naval que era o científico, que era lá em...

HC - Isso.

MM - Que era fora.

HC - Que era fora, era em Angra dos Reis.

NM - Angra dos Reis.

PG - E Barbacena que era a da Aeronáutica.

HC - Barbacena que era a Aeronáutica.

PG - Então aqui no Rio concentrava...

HC - Só havia encontros nos bailes, ou nos bailes de formatura, geralmente no [Hotel] Glória.

PG - Você ia fardado?

HC - Fardado de calça vermelha, que era a calça de gala. E de dolmã branco, de dolmã branco e calça vermelha, com aquelas duas faixas azuis, acho que até eu tenho guardados os uniformes da vida militar, e a, então esse encontro com as pessoas, o pessoal da... E tinha e também a coisa militar, tinha da Marinha, da Aeronáutica, e tinha uma escola de preparação, esses eram considerados a ralé da coisa, porque conseguiram entrar no Colégio militar, foram fazer a preparatória para a AMAN fora do Colégio militar, esses eram considerados a ralé da coisa, então às vezes o que havia de briga, era nos bailes, nas festinhas, e tal, nos bailes que a sociedade literária organizava no Colégio militar, ou nos bailes de formatura, quando então aí saia pau também, quando alguém paquerava, ou namorava uma menina de outra coisa, havia uma, primeiro uma considerar ser, não ser igual ao sujeito que, principalmente na área do Exército, o da Marinha e o da Aeronáutica era mais respeitado, e eram vistos como concorrentes pra quem quer ir para a Marinha e para a Aeronáutica, eles também faziam, o Colégio militar era muito identificado com a AMAN, os bons alunos do Colégio militar tinham que ser muito bons pra conseguir ir pra Marinha, em geral não havia muita escolha pra Aeronáutica, não, era um negócio mais diferenciado, pra Marinha, não, pra Marinha era visto assim como um privilégio quase. E um pouco a relação como hoje tem com o Itamaraty, com a carreira diplomática, ah, o cara vai pra Marinha é meio fresco, é filhinho de papai, isso era rotular logo você, era filhinho de papai, era meio maricas, entendeu? E o do Exército, lá da preparatória do Exército, aí acho que era o maior número, eram filhos de sub-oficiais, de tenentes, de sargentos, e tal, esses eram considerados burros, idiotas, que não tinham condição de entrar no Colégio militar.

NM - Eu queria fazer uma pergunta, como é que ali dentro, principalmente nos anos finais, em torno de 1959, como é que vocês viam ou sentiam o movimento estudantil.

Interrupção da gravação

NM - Todas as reivindicações estudantis?

HC - Tinha um pouco, de uma forma sistemática não tinha isso presente, não. Tinha a coisa da greve, a greve dos bondes, de 57, e depois aí eu já me, começando a fazer, já no terceiro ano científico, a greve da Ciências Médicas, que também culminou com quebra-quebra de bonde, assim, intenso, então a greve dos bondes em 57 e a greve da ciências médicas em 59, aí eu já estava mais orientado pro negócio da faculdade, e que culminou com suspensão de gente por um ano e tal, contra o Rolando Monteiro.

PG - É aí que se dá a ocupação?

HC - Contra o Rolando Monteiro e o [Álvaro] Cumplido de Santana. Então esses dois momentos, aí, isso eu acho que era muito visto assim como uma coisa de bagunça, de baderneiros, não havia uma politização disso não. Pelo menos eu não tenho esse registro da politização, é um negócio meio gozado, que eu nunca liguei bem a essas coisas, de um lado eu vim acompanhando as coisas da política, Getúlio, a morte de Getúlio, Lott, a garantia, a vitória, a campanha de Juscelino, eu tenho muito presente a campanha do Juscelino, insistindo que as pessoas votassem, levando a minha avó pra votar, no Juscelino, acompanhando os mapas eleitorais de todo o país, eu ia pra rua, ficava lendo, tinha os comitês eleitorais, você

tinha os mapas, cada um dos estados, e tal, também acompanhava isso, depois, já Juscelino, Juscelino na televisão, explicando o Plano de Metas, falando, eu isso eu tenho bem marcado pelo lado de acompanhar a coisa, agora pelo lado de dentro, o Colégio militar, eu não tenho isso muito bem presente no, porque na realidade eu tinha uma vida muito pouco interna ao Colégio militar, era de passagem.

PG - Você tem falado muito isso, que o colégio militar não era o teu pólo associativo, onde é que estava isso, no bairro, onde é que era?

HC - Era no bairro, e de uma forma muito precária, porque aí o bairro já era outro, já era Maria da Graça, Jardim Candelária, então tinha um grupo ali de pessoas, de amigos, de amigas, fazia, enfim, a coisa era muito mais para o lado de jogar uma pelada na rua, e de ir ao Maracanã, e ir ao cinema, ir à Praça Saens Peña, ver o manto sagrado, programas assim desse tipo, mas nessa fase aí eu não sou muito associativo nem no bairro, as festinhas, os bailes e tal, de clubes, eu só começo a ir na realidade já, no segundo ano científico em diante, e tal, aí dá uma certa timidez.

MM - Mas parece que no Colégio militar havia lance de colocar mais algum tipo de associação, né?

HC - Havia, a Sociedade literária, que eu não participava.

MM - E não havia os bailes sem ser na época de formatura?

HC - Patrocinados pela própria Sociedade literária.

MM - Ah, a Sociedade literária que...

HC - É, que às vezes ia, mas não era uma coisa muito presente, assim, não.

MM - E também não havia, de você sair com eles fora do Colégio militar, não havia esse tipo de coisa?

HC - Menos no Colégio, quer dizer, mais nesses programas da Tijuca, da Praça Saens Peña, e, mas não muitos, não eram muitos, não, quer dizer, eram pessoas que a gente geralmente estudava na mesma casa, fazia trabalhos em conjunto, em equipe, e depois se esticava fazendo um programa qualquer, mas não era uma coisa, não era propriamente um grupo muito coeso, o meu grupo assim se encontrava, a gente saia, e sei lá, se fazia programa, a gente arranjava namorada, e tal, e ia ao cinema na Praça Saens Peña, e um pouco da vida, um pouco mais associativa, era mesmo ali no Jardim Candelária na Maria da Graça. Era um outro grupo onde também havia um certo distanciamento ali porque ser do Colégio militar já era visto como uma coisa diferente, entendeu? Ser do Colégio militar ou do Pedro II, no Méier, e agora no Méier é Maria da Graça, que já está um pouco mais fora, ali era um bairro novo, enfim, de classe média, mas onde as pessoas, os garotos da mesma idade estudavam por ali, pensando em ginásio, né, estudavam por ali, estudavam no Méier, no Colégio Metropolitano, Colégio Dois de Dezembro, Visconde de Cairú, ser do Colégio militar era um negócio diferente, era

considerado assim, sei lá, era uma coisa de diferenciação, não sei se de classe, ou de que, mas dava uma outra posição.

PG - Sem contar que você entra num âmbito que é a idéia de uma instituição meio global, com característica de uma instituição que veio a se transformar num corpo interno de reprodução ideológica e associativa, etc., e isso quebra laços anteriores, na verdade você não se enquadra lá dentro, né?

HC - Não.

PG - Então foi um período meio...

HC - É, eu era um aluno razoável, e com, sei lá, facilidades de fazer amizades, mas não tinha uma vida nem militar, nem pelo lado do Castrin, agora lembrei, que era pelo lado mais da coisa artística, que havia muito movimento ligado a isso, e aí, as revistas da sociedade literária era uma revista editada periodicamente com poemas de alunos, com artigos, havia ali um certo movimento literário mesmo, mas nisso eu não entro muito, e no âmbito do bairro, digamos, também não se dá uma ligação tão profunda, há um certa quebra entre o que era no Méier e a Boca do Mato com o que é depois Jardim Candelária em Maria da Graça. Aí eu não sou nem bem um igual, porque eu sou do Colégio militar, aí meu pai já estava melhor de vida, etc., meu irmão nessa coisa era muito mais integrado ao bairro do que eu.

PG - O seu irmão não faz o Colégio Militar?

HC - Não, ele faz o Colégio São José, que era ali perto, em frente.

PG - O que eu te perguntei anteriormente, a decisão de ir pro Colégio militar foi uma coisa familiar ou foi uma coisa que você...

HC - Não, foi familiar, eu nunca imaginei ser militar, não tinha, não tinha nenhum projeto assim, nenhuma ambição, nenhuma imagem que pudesse ser militar, não me imaginava, sei lá, como militar.

PG - E seu irmão não entra por uma questão de opção ou...

HC - Não me lembro bem, acho que ele fez o exame uma vez, não passou no Colégio militar, e passou no São José, aí matriculou no São José. Então ele faz uma carreira nitidamente civil, e eu fico dividido entre o civil e o militar, quer dizer entre uma pessoa, que eu era do Colégio militar, era visto meio diferente ali no bairro, o Heraldo, não, o Heraldo era mais integrado, era, eu um pouco mais adiante, eu já no Científico, e ele no ginásio, uma diferença de seis anos, ele era mais de patota, de pelada, de ir para jogar no clube, do que eu, eu já não me integro assim.

NM - Falando dessa integração...

HC - E é mais uma referência fora, quer dizer, uma referência de pessoas do Colégio militar, mas que fazem programas na Tijuca, fazem programas na Praça Saens Peña, no Grajaú, tinha muita coisa de ir em festinha no Grajaú, aí já pensando no segundo, terceiro ano científico, 57, 58 e 59, aí é a época das festinhas, dos boleros, aí começa a, época em que começo aprender a dançar com a prima de um amigo meu do colégio militar, então tem todo um flerte, e daí...

NM - Tem história que ficou, a tua passagem no Méier como homem bonito, jovem, simpático, há pouco tempo uma professora ainda comentava isso. Como é que foi essa tua fase aí?

(Risos)

HC - Essa eu não sei.

(Risos)

HC - Eu não sei, não, tinha essa coisa das festinhas e tal, nos anos 57, 58 e 59, então com a, aí já tem uma outra turma, que não é propriamente, é uma turma do Colégio militar, mas que não é propriamente... Porque no Colégio militar você tinha uma coisa assim, tem pessoas que já tem carro no Colégio militar, eram raríssimas. Os tijucanos que eram considerados assim uma faixa alta, ficava fascinado com as casas dos meus amigos que eu ia estudar pra provas e tal, moravam naquelas casas do Grajaú, ruas arborizadas, casas grandes, achava aquilo uma coisa fascinante, e o meu grupo maior de amigos era um grupo também do Méier, morando ali pelo Cachambi, e tal, e que, enfim, era com quem a gente saia pra essas festinhas do Méier, as festinhas eram em casas de família. Era muito freqüente você ter festinhas pra ouvir música, dançar, aniversários.

NM - Época do twist? Cuba-libre, do “cha-cha-cha” , como é que teu envolvimento com esses teus amigos, onde é que eles estão hoje?

HC - Quer dizer, dos mais ligados, dois irmãos do Cachambi, eles continuaram a carreira militar, raramente eu encontro, tenho alguma notícia, há pouco tempo, na morte do meu pai tive alguma notícia deles, mandaram telegrama e tal, tem um que não era propriamente o amigo mais íntimo assim de sair, e tal, mas que era uma pessoa que eu gostava muito, o Simão, de vez em quando eu encontro nas reuniões da SBPC, ele saiu da coisa militar e se tornou físico, trabalha no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. O Raimundo, de vez em quando me chamava pra, não era um amigo, não era de patota, era um amigo de dentro do Colégio militar. Uma pessoa que eu tenho assim, marcado, mais ou menos presente, como colega de Colégio militar, e depois a maioria deles perdi muito, não sei mais. Tem, não são pessoas que eu permaneci ligado.

PG - A impressão que dá Hésio, é que parece que existe uma quebra muito grande, pra quem o conhece um pouco dessa tua fase trajetória nas ciências médicas, depois você vi ter movimento político etc., essa fase, que é uma fase científica, né, e depois o que acontece logo depois da faculdade. Eu queria ver primeiro essa passagem, como é que chega a opção pela Medicina, como é que isso definido, e depois uma vez dentro.

HC - O que me levou à Medicina veio muito pelo próprio interesse pela História natural, que era uma área que sempre me fascinou muito. Talvez pela própria... Era um bom aluno de História, via isso como, acho que tinha alguma coisa a ver com o próprio acompanhamento das coisas políticas e tal, [...] com a de conhecimento, de coisas, perspectivas profissionais, passei a ver a partir dos cursos de História natural, passei a ver a coisa da Medicina. Na época, isso foi muito engraçado porque na época estava em moda o Bóris Pasternak, o doutor Jivago, tinha passado, tava o livro, e logo depois chegou o filme, então no segundo ano do terceiro ano científico, meu apelido em casa era doutor Jivago, então as pessoas brincavam muito, ah, Dr. Jivago, Dr. Jivago, e agora isso vai ficar muito marcado depois desses professores lá, o coronel Tiago, coronel Tiago, amigo do meu pai, então estimula muito pra que eu faça a Medicina.

No terceiro ano científico, aí tem um teste vocacional, feito por não sei qual instituição, que foi lá fazer testes vocacionais. Pausa. Então houve o tal teste vocacional, e depois o pessoal que aplicou, a psicóloga que aplicou então chamou, e disse que recomendava que eu fizesse História, que a minha tendência, que o meu perfil profissional, sei lá, o meu perfil de personalidade, atitude, seja lá o que for indicava que eu deveria me dedicar à História. Aí eu disse que não, que eu queria ser médico. Então ela disse: "Olha está bom, mas você vai ter que fazer um grande esforço pra ser médico". Aí ficou muito marcado isso, muito interessante, aí eu decidi fazer Medicina, no Colégio militar nessa época houve um grande reforço na área de Física e Química, que eram as áreas mais pesadas do vestibular, porque História natural, Biologia, isso era bem, isso aí eu tirava de letra, sabia tudo, era fraco em Química e Física, e dava pra quebrar o galho em Português, Francês, Inglês, e tal.

Aí no Colégio militar vai um professor de Química, civil, eram poucos professores civis, e nessa época começa a haver uma entrada de professores civis, é interessante, de 59 pra 60, de 58 pra 59, começa a haver uma entrada de um maior número de professores civis, que inclusive não eram muito bem vistos, não, eram, e esse de Química, o Nagib, era uma pessoa que me marcou muito, era um sujeito absolutamente didata extraordinário, um sujeito que, enfim, absurdamente distante em relação aos alunos, ele não dava a menor bola pro aluno, chegava ali, sentava, ali, ou ia pro quadro, dava sua aula e ia embora, o Nagib, cobriu tudo o que eu não sabia de Química orgânica, e tal, aí fui pro vestibular e passei, fiz concurso pra Ciências Médicas e pra Medicina e Cirurgia, e aí passei em quarto ou quinto lugar nas Ciências Médicas, num grupo lá, numa turma que devia ter talvez uns 80 aprovados, 80 e poucos aprovados. Então, mas isso era uma coisa que já estava muito marcante, a idéia de fazer Medicina isso não era por, não havia nenhum tipo de imposição ou de estímulo, ao contrário, o estímulo era mais para ir pra carreira militar, que era visto como uma coisa mais segura, não tinha essa coisa do meu pai trabalhar e dar consulta à noite, era uma fase do ginásio que me marcava muito porque ele sumia, desaparecia, ele tinha doentes que chamavam de madrugada, ele ia fazer parto à noite em casa dos doentes, uma vez ele trabalhou sei lá quantas horas, chegou teve quase que, imagino, um acidente vascular cerebral, e ele nessa época devia ter uns quarenta e pouco anos, então, pelo lado da Medicina, não era propriamente um, era uma espécie de coisa de muito sacrifício, de muito esforço, ele não trabalhava em hospital, ele trabalhava num consultório de fundo de farmácia, sempre com um farmacêutico, Seu Abreu, que até hoje é amigo da família e tal, então, vai se tornando uma espécie de médico de famílias, a maior parte delas portuguesa, que viviam, e ainda vivem na Maria da Graça.

Então a Medicina não era uma coisa de dar dinheiro, nem era propriamente, era uma coisa que provocava nele muitas queixas, tem que trabalhar até tarde repercutia de uma forma muito, digamos assim, de pressionar muito, gerar muitas expectativas em casa. As pessoas ficavam preocupadas com ele, que não está chegando, não está vindo, onde é que está, porque que está demorando tanto, entendeu, não vem tanto por esse lado, a carreira militar era estimulada como se fosse muito mais segura, muito mais tranqüila, mas aí eu não quero isso, eu não sei qual é o mecanismo de decisão, eu não tenho a menor idéia, mas era de que pelo negócio da História natural, pela curiosidade da Biologia, eu achava que tinha ser médico, e médico no sentido de atender doente, aí não tinha nada de perspectivas de, nem se falava nisso, cogitava em Saúde pública, eu não tinha a menor noção dessas coisas.

PG - Não era pelo lado da pesquisa básica?

HC - Não, era pelo lado do doente, eu não era bom de, porque eu nunca tive habilidade manual, então assim de mexer em pipeta, isso aí também não era meu forte, eu era muito mais pelo lado de uma certa curiosidade com a Fisiologia, com a Anatomia, com a etc. e tal, mais com o organismo do que propriamente com o laboratório, entende?

MM - Mas, pelo que você está colocando parece que a sua opção foi mais intelectual?
Será que só foi...

HC - Não sei se é intelectual, mas é mais na linha de ajudar as pessoas e tal.

MM - Me parece que você vai muito pela História natural, aí por causa disso.

HC - Não, quer dizer, isso aí despertou a curiosidade, poderia ajudar, enfim, as pessoas fazendo outra coisa, mas essa coisa da...

Fita 2 – Lado B

HC – Quer dizer, ajudar as pessoas é uma coisa que meu pai estava fazendo, mas não estava, é uma coisa que trazia muita preocupação, muito sofrimento, trabalhava demais, aquilo não significou propriamente nenhum enriquecimento da família, entendeu? Não significou nenhuma afluência sob o ponto de vista social. Agora era uma coisa que eu via como uma coisa boa de fazer, sei lá, tratar de doentes, ele gostava de mexer com animais, isso sim, a coisa de mexer com, aulas de coisas que você tinha com rã, com rato e tal. Isso tinha, mas não pelo lado da, não era um negócio intelectual no sentido de que fosse uma opção consciente, não, isso eu não tenho, um intelectual teria sido a História, entendeu? A História, fazer História, desenvolver por esse lado.

MM – Você fala do teste vocacional, que deu História, talvez mais pro lado da História, eu queria saber o seguinte, como é que era esse ambiente familiar assim em termos de estímulo intelectual? Havia estímulo intelectual em casa, você lia muito? O seu pai incentivava?

HC – Não, não, ele foi assim uma pessoa de estudar muito Medicina, quer dizer, também, a imagem que eu tenho assim muito dele é essa coisa, estudando Medicina, estudando, se preparando as aulas dele da escola veterinária e estudando os livros de Medicina, e se trancando pra estudar muito, e tal, não pela coisa, mais, digamos cultural, nesse sentido, aí não havia, não era nem pelo lado do meu pai nem pelo lado da minha mãe, uma família, digamos, de pessoas intelectualizadas nesse sentido, voltadas à literatura, voltadas ao cinema ou ao teatro, não era. Aí, isso aí é um pouco, eu nem chego a ser, porque eu também não sou muito disciplinado em leitura, aprecio mas não sou propriamente uma pessoa que tenha tido uma formação em termos de literatura, em termos de poesia, tal como a Maria José por exemplo tem em termos de poesia, de saber reconhecer aonde que está tal verso assim, assim, Camões em tal passagem, que é uma outra, que é a trajetória da família do pai dela, etc., então eu tenho muito mais, é uma coisa mais de formação escolar, e de alguma iniciativa pessoal, a partir da faculdade que eu começo, aí dá um salto que também não é muito bem demarcado, não, porque eu também já entro na faculdade já entro sendo primeiro secretário de diretório, organizando comissão de formatura, fazendo tudo o que eu não fiz no Colégio militar.

PG - Pois é, esse salto é que...

HC – E que não fazia no bairro, mais, entendeu, porque eu tinha feito no Méier, organizado jornalzinho, organizado cinema, a gente fazia cinema em caixa de sapatos, com desenho copiando o desenho e passando aquele, tinha organizado aquelas excursões e tal, depois tinha uma lacuna aí, muito mais recolhida, muito mais intimista, de algum grau de leitura, aí é que eu começo a ler Jorge Amado, que eu começo a ter alguma leitura de, digamos, de literatura cunho social, nessa fase, digamos mais recolhida mesmo, participativa, depois na faculdade, aí dá uma desabrochada em termos de abrir muitas frentes, quer dizer, na faculdade eu já entro no diretório acadêmico, no ano seguinte aí eu estou fundando o jornal O Plantão, refundando porque já tinha sido extinto, a gente organiza o cineclube, faço parte desse movimento todo, do cineclube, e da biblioteca Manoel de Abreu, né, então a gente começa a organizar doações de que foi destruída, depois em 68, então a fundação da biblioteca Manoel de Abreu que faz, acho que uma cerimônia belíssima, em que o Aloysio de Paula vai doar todos os livros do Manoel de Abreu, inclusive com caricaturas, com desenhos do Manoel de Abreu, poesias, do Manoel de Abreu, que era uma raridade que a polícia em 68 levou tudo, então a, e aí tem departamento de apostilas, é um negócio meio frenético, entendeu ?

PG – Você poderia detalhar isso, Hésio, como é que essa sua chegada dentro da universidade, primeiro eu queria saber o seguinte, o que o faz optar pelas Ciências médicas?

HC – Aí certamente foi a influência do meu pai, não, Ciências médicas é uma boa escola, eu conheço, porque aí o que ele não tinha em inserção militar, ele passou a ter um certo grau de inserção médica, então os professores, que tinham sido os professores dele, então ele falava da iniciativa do Rolando Monteiro, falava muito do Feijó, enfim dos professores todos da Santa Casa, que era o lugar onde ele ia ver doentes, internava os doentes dele, o Gérson Lago, o Gérson do Partidão[2], o Gérson foi assim uma espécie de mestre dele, o pouco de cirurgia que

[2] Refere-se ao antigo PCB, Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922.

ele fez foi ajudando o Gérson, então é muito, a referência médica dele eram as Ciências médicas, então a partir daí, aí sim, na hora de escolher, entre as várias alternativas, era a Medicina e Cirurgia, a Federal, a Universidade do Brasil e as Ciências médicas, e a Universidade do Brasil era considerada a mais difícil, o maior número de candidatos, então, as Ciências médicas seriam a melhor, tinha essas referências todas, não era tão procurada, e a Medicina e Cirurgia era a mais precária de todas, em geral, o vestibular era mais fácil, era digamos uma segunda opção, de quem não passava nas Ciências médicas nem na Universidade do Brasil.

MM – Eu queria, antes de você entrar mais nessa vida universitária, que você já mencionou algumas coisas, eu queria entender um pouco mais a parte das rupturas, né, você fala da sua infância, você fala da rua, né?

HC – É.

MM – E depois fala do Colégio militar depois.

HC – É.

MM – Mas há um período aí que é a escola pública, né, como é que é esse período da escola pública?

HC – A escola pública é esse período da Boca do Mato, período do Méier, que é uma coisa assim muito participativa, boa, associativa, porque muitos dos amigos de rua, e tal, são também da escola República do Peru, eu acho, uma escola do Engenho de Dentro, e então, a lembrança da escola pública é sempre uma lembrança boa, é um lugar que aprendi coisas que eu, é uma lembrança agradável, e as pessoas dali estudavam ou nessa escola pública do Engenho de Dentro ou estudavam no Colégio Metropolitano, na rua Dias da Cruz, eram os dois, que era um colégio particular, que é um colégio particular. Então a, então eu tinha colegas, amigos e companheiros ali de rua, que iam pro outro, e o bonde era um local de farra, de encontro, em que as pessoas brincavam e tal, agora mais na escola pública, quer dizer, na escola pública, eu era visto assim mais como um aluno aplicado, era um bom aluno, às vezes tinha umas diarréias terríveis, porque eu tinha amebíase, então, um episódio da escola pública, era uma diarréia brutal, eu saio totalmente cagado, mal-cheiroso, minha mãe me esperando, eu devia ter uns sete anos, a diretora mandou recado, telefonou pro vizinho, porque também telefone não se tinha em casa, telefonou pra alguém da vila, devia ser o dono da vila, que morava na primeira casa, mandando ir lá me buscar, então era meio franzino, assim meio pálido, e considerado um aluno aplicado, né, cumpridor das tarefas de casa, e tal, e na rua ali o pessoal de referência, a patotinha, os amigos, fazia mais ou menos, uma ligação entre a escola e a casa através dessas pessoas que eram da mesma escola primária, ou eram do Colégio Metropolitano. E tinha, como também tinham ali algumas pessoas que eram também mais, aí eu não lembro bem, tantas passagens de pessoas que moravam ali por perto, uma família nordestina que tinha se mudado pra lá, e onde todos eram meio artistas e tal, um depois foi nessa época já devia ter catorze, quinze anos, foi fazer arquitetura, o outro tocava piano, a menina desenhava, e o intermediário também fazia muito desenho, e tal, essa gente toda,

depois eu reencontrei, um deles me procurou há pouco tempo no INAMPS, querendo alguma coisa eu não estava, e tal, o outro é pianista, toca piano por aí, o segundo é decorador e trabalha em coisas de arte, e a menina também, então por essa vertente aí era uma coisa que me dava muita inveja, eu não sabia tocar piano, desenhava mal, não tinha jeito pra essas habilidades assim, então também não era uma coisa que marcava, eu era um péssimo jogador de bola de gude, era um horror, aliás era um campeão de botão.

MM – E futebol?

HC – E futebol eu jogava pelada, mas era um mau jogador, aí depois veio o irmão, me dava um banho, porque aí já é a fase...

PG – Era meio-de-campo, não?

HC- Era ponta-esquerda, e porque isso no Colégio militar marcou muito também, todo o esforço físico no Colégio militar eu não me dava bem, tinha umas lipotinhas, assim, suava frio e tal, num esforço físico maior, não era um desportista. O Heraldo, não, o Heraldo sempre se destacou como um menino de rua, mais de rua mesmo.

NM – Naquele tempo você já tinha o cartaz de pé-frio da torcida do Fluminense?

HC – Ia ao Maracanã, já ia ao Maracanã, ia com meu pai, via Castilho jogando, agarrando, um negócio que eu nunca mais esqueci, acho que foi 51, O Fluminense venceu o Bangu e Castilho jogava com febre, então tinha, achava uma coisa assim fantástica, e as pessoas na vila, lógico, também faziam muitas gozações com a história, porque todo mundo era Flamengo ou Botafogo. Botafogo tinha sido campeão em 48, então essa geração de 48, era, tinha marcado muito nas crianças, enfim, que estava nessa faixa dos cinco, seis anos, sete anos, os pais botafoguenses, e tal, e o Botafogo e o Fluminense estavam começando...

PG – E essa identificação de clube da elite, quer dizer, era uma coisa que pesava?

HC – Não, aí não passava isso, não, aí não passava...
PG - você falou do Botafogo, não é, você falou das crianças, eu estava pensando assim, naquela época as crianças ligadas ao Botafogo eram felizes, né?

Risos.

HC – Era muito engraçado.

MM – Agora esse período que você está falando aí da escola pública, você tem alguma lembranças assim de professoras, professoras, em geral, né, que lembrança tem assim do estudo com as professoras?

HC - Tenho lembrança de uma professora chamada Terezinha, e aí eu acho que toda professora tem nome Terezinha, porque assim, foi quem ensinou, mostrou, pegou na mão, ensinava a fazer as letras, então é a única professora da escola primária que eu nunca mais vi,

não sei nem se vive ainda, era Dona Terezinha. Fora daí não tenho nenhum registro, tenho registro de uma namoradinha, que sentava assim do meu lado, uma moreninha que morava no Engenho de Dentro, que eu era apaixonadíssimo. Gozado, não tenho muito registro, tenho registro da professora, tenho registro dessa menina, de um irmão dela, de um primo dela, que eu sempre ficava meio enciumado com, porque os dois iam juntos pra casa e eu ia embora, mas não demarca muito, não tem muita, nomes de pessoas, de coisas dessa época não tenho. Tem a diretora, que foi diretora, era vice-diretora nessa escola, ela morava na mesma vila, era dona Dinorah, dona Dinorah, era mãe, é mãe ainda, por que o garoto está vivo, de um surdo-mudo, e isso também me marcava muito, que ele ia pra escola a gente ia junto, ela levava junto e tal.

PG – Quando você ouve, a situação da educação pública hoje em dia, você se lembra daquela época, você estabelece uma comparação? Tem alguma coisa que te marca em termos do estudo?

HC - Tem em termos assim, por exemplo, ir pra escola pública era uma coisa boa, todo mundo queria ir pra escola pública, a briga era conseguir ir pra escola pública, mesmo nessa faixa mesmo de uma classe média remediada, digamos, uma classe média não muito, mas a grande disputa era se conseguir vaga, acho que pra mim conseguiu a dona Dinorah, que era dona dessa, morava na vila, era dificílimo você conseguir, havia, e era um ensino muito valorizado. Colégio Metropolitano, eu lembro que também tinha o primário, não era visto assim como um colégio excelente, não, ir à escola pública era considerado uma coisa importante, as crianças iam à escola pública, e saiam bem preparados pra ir pra admissão, pra fazer a admissão, tanto que eu passei no Colégio militar, na admissão do Colégio militar, sem nenhum curso preparatório, sem nada, cheguei lá, sentei...

MM –Uma outra coisa que me chamou a atenção, que você falou no início foi o seguinte, quando, no início falando sobre a religião, que você foi mais educado na tradição católica do que na protestante, e isso teve alguma coisa a ver com a influência materna, mesmo?

HC – Teve, porque meu pai não era muito atuante nessa questão, à Igreja ele não ia, quem ia à missa era minha mãe, eu e Heraldo, eram os três que íamos à missa, ele não era uma pessoa de freqüentar a igreja, então essa coisa é muito marcada realmente pelo lado da minha mãe, ele só ia em situações excepcionais, morreu uma pessoa e tem uma missa, é um batizado, é um casamento, eram digamos, cerimônias religiosas, mas não na coisa de ir à missa aos domingos, à missa aos domingos íamos nós três, eu recordo que Heraldo ainda pequenininho ia também, e com uma coisa assim muito disciplinada, uma obrigação assim que tinha que se cumprir. Tinha que ir à missa, ir à missa era uma obrigação.

MM – Eu estou levantando essa pergunta pra, porque eu gostaria que você falasse um pouco mais da presença da sua mãe, essa coisa de uma tradição católica ser muito do lado dela, e como é que você poderia falar um pouco assim, da ligação que você tinha com a sua mãe?

HC – Acho que nessa época era de muito conflito assim que a gente tinha, eu tinha medo de apanhar, dessas brincadeiras que a gente fazia na tal vila, de fazer exploração de terrenos, de desaparecer, de sumir, etc., então eu tinha um componente assim muito grande de medo

mesmo, porque aí ela brigava, dava esporro, deixava de castigo, então, o que demarca essa fase, era uma fase assim mais de medo do que propriamente uma ligação muito próxima muito, sei lá, é uma afetividade, mas vinculada, muito vinculada pelo medo, por um certo grau de repressão que era exercido. Isso é esse período da Boca do Mato, que aí dava margem à que a gente brigasse em casa, ela brigava com meu pai, meu pai brigava com ela, e eu respondia, chorava, fugia, entende, então, influência, digamos, influência religiosa está muito presente, mas não do lado digamos de ganhar, de conquistar assim uma fé, uma coisa que, é uma coisa que eu ia, mas não, marcava muito a coisa da promessa, você tinha que fazer o sacrifício, quando eu saia de casa, minha mãe me dizia muito, "Hésio, se você passar no Colégio militar, você vai ter que fazer o sacrifício de não ir ao cinema nesse fim-de-semana", ou "você vai ter que fazer o sacrifício de não sair hoje", ou de não escutar o Jerônimo, o herói do sertão, entende, era muita coisa do sacrifício, o sacrifício como uma forma de você conseguir conquistar uma coisa qualquer, um objetivo qualquer.

MM – E você... Tem uma coisa que eu gostaria que você falasse um pouco. Você acompanhava o Jerônimo, o herói do sertão?

HC – Muito, O anjo, Jerônimo, o herói do sertão, o programa do Antônio Maria, de esportes, às seis e meia da tarde, na Rádio Nacional, logo depois tinha o Jerônimo, e depois tinha o santo, ou coisa parecida.

NM – O incrível, fantástico, extraordinário.
Risos

HC – Isso era na rádio Tupi eu acho, na rádio, então, quer dizer, então eu acompanhava, aí era a vila inteira, o que hoje representa a novela da [Rede] Globo, na época representava a vila parar pra todo mundo ouvir o Jerônimo, o herói do sertão, e a gente fazia brincadeira do Jerônimo.

Era uma coisa forte, né?

HC – A aventuras do Jerônimo, enfim, e aquilo a gente escutava e depois saia, escurecia mais tarde, e todo mundo ia depois pros tais terrenos baldios, fazer as aventuras, os raptos e salvar a mocinha, era um pouco bandido e mocinho, muito...

Intervenção de mulher na sala.

HC – Então tinha muito dessa brincadeira, e um pouco, às vezes o relacionamento em casa se dava muito em torno, a digamos, coisas que eram vistas como proibidas por eles, né, essa coisa de brincar de Jerônimo no terreno baldio, de sumir pra fazer essas coisas, na esquina, na rua, etc., isso aí às vezes dava brigas, etc., castigos, proibições, era um pouco, você tinha um lado do pecado, e o lado do sacrifício, de fazer o sacrifício para conseguir alguma coisa.

MM – E quem que proibia mais, a mãe?

HC – Ah, não, minha mãe, porque ela estava em casa mais tempo, quer dizer, meu pai ele pegava a briga já no meio do caminho, ou ele dava um esporro nela ou da o esporro em mim, enfim, ou brigava com o Heraldo, mas era já depois que havia se esgotado a primeira, quando ele chegava via assim o pau quebrando dentro de casa, aí ele entrava pra dar um fecho naquilo, né, brigando com ela, ou brigando comigo ou brigando comigo e com o Heraldo, mas era uma pessoa mais distante, eu dizia a Maria José, o meu relacionamento com meu pai foi muito mais depois de ele ficar doente, dele ter uma cirurgia, nos últimos cinco anos da vida dele, que aí ele foi se modificando, e eu também, e tal, e com a minha mãe agora, a partir da viuvez dela, é muito mais fácil, é muito mais tranqüilo, muito mais aberto o diálogo, foi uma mudança assim muito grande que a doença e a morte introduziram.

MM – Você falou em doença?

HC – Porque é interessante, porque toda essa história de vida estudantil e na universidade vai se dar completamente à margem deles, e contra eles, os congressos da UNE, que a gente ficava três, quatro dias, nos conchavos, na coisa, sumia de casa, não voltava, é que era um desespero, achavam que eu tinha morrido, que eu tinha sido preso, que eu tinha, enfim, que estava maluco, que eu tinha desaparecido, então toda essa trajetória da política universitária, se dá muito à margem deles, à margem da própria família, o próprio Heraldo, o próprio meu irmão, ele não participa disso, ele está no Colégio São José, ele está em outra coisa, está fazendo outra trajetória, ele está com as patotas dele de rua, está muito mais na rua do que eu, e vai tendo uma coisa, ao mesmo tempo, se eu estou na faculdade, e estou no diretório, Heraldo não, está no São José, é um aluno do São José e fazendo a vida dele, digamos, o que eu fazia no Méier, na Boca do Mato com a turma da rua. Aí eu já descolei completamente tanto do Heraldo, quanto dos meus pais, uma família que se faz aí totalmente distanciada, até com uma certa dificuldade deles acompanharem, aí eu começo a chegar com livros em casa, é uma história, coisa de comprar livros, enfim, freqüentar conferências e coisas, fazer programas, esquema assim de vida que é muito vinculada assim à vida política mesmo, dentro da política estudantil, e isso então, dá um distanciamento grande. Coisa que não havia no Colégio militar, no Colégio militar não havia esse envolvimento dentro do Colégio, na escola pública, escola pública e a rua, é uma certa continuidade, é uma mesma brincadeira, e um ligar onde eu faço as coisas, ou faço o jornal da vila e o artiguinho ali está bom, e fica legal, até lendo depois, realmente está, ou estudo bem lá, Matemática, sei lá, Português. Eu faço lá as coisas da escola pública, sou visto como bom aluno na escola pública. O Colégio militar, aí já rompe muito mais, o Colégio militar é um lugar que eu vou pra fazer coisas, o aluno razoável, não sou CDF, também não sou mal-aluno.

NM – Foi coronel-aluno?

HC – Não, nunca fui graduado, e aí não há essa ligação, quer dizer, é uma ligação pela família de acompanhar o que está se passando no Colégio militar, e era um negócio aí muito, porque você tinha os boletins, aquelas coisas que você trazia, era um acompanhamento muito de perto da coisa, mas dá um, dá um distanciamento da vida do bairro, né.

MM – É, eu estou achando incrível que você está falando isso porque parece que em termos de universidade, seria a soma da rua com a casa, uma coisa assim meio Roberto Da Matta, não sei se você conhece os conceitos dele de rua e casa ?

HC – Não.

MM – Quer dizer a rua é o local que você vai, que você vai à luta, você vai cair na vida, você vai fazer as brincadeiras, você não tem um controle sobre você, é relativo, isso, e a casa é o Colégio militar onde cada coisa está no seu lugar, em que você, você tem que se encaixar nessas coisas, pra poder sobreviver, e você está colocando que no Colégio militar a família estava ali, colada com você, com uma expectativa, com uma cobrança também, né?

HC – É, na faculdade na realidade, a casa e rua ao mesmo tempo.

MM – Casa e rua, porque aí você já tem também uma iniciativa sua também, né, uma disciplina...

HC – Mas aí todas as pessoas a que estou ligado estão depois na faculdade, não estão mais na rua. Aí eu me torno muito mais estranho ao bairro, aí é praticamente aquilo ali é só de passagem, você sai oito horas da manhã pra faculdade, fica o dia inteiro, virar no Anatômico, na Histologia, não sei aonde, às cinco horas ia pro diretório acadêmico e ficava fazendo carteirinhas de estudantes dentro do diretório acadêmico, organizar o cine-clube, e rodar apostila e depois bebericar nos botecos de São Cristóvão, com a mesma patota, com o mesmo grupo, e tal, nas ruas, ou então articular, fazer reuniões, que geralmente eram nas casas das pessoas.
Eram reuniões em salas, era um prédio enorme em São Cristóvão, um prédio semi-abandonado, então você tinha muitas salas que você pode fazer reuniões ali, sem precisar muita, sem se tornar uma coisa aberta, né? Ou então reunir com o pessoal da Direita, ou Serviço Social, ou da Filosofia, que vinha pra lá, então era um negócio que a minha vida era muito de 8 horas da manhã às dez e meia da noite, em São Cristóvão, no prédio da faculdade, ou das redondezas do prédio da faculdade.

PG – Mas eu queria ver como é que essa sua chegada à faculdade, você, essa inserção numa série de atividades que você não desenvolvia antes no Colégio militar, era o que, já existe um movimento organizado, em que você já é chamado a participar, já entra sendo organizado, ou é, como é que é isso, o diretório acadêmico está...

NM – Não responde não que eu vou trocar de fita.

HC – Claro.

Fita 3 – Lado A

HC – O jornalzinho do bairro.

PG – O jornalzinho do qual no colo do Getúlio, dos militares.

HC – No colo do Getúlio, não, o Getúlio, eu no colo do meu avô, imitando o Getúlio era 50. O jornal do bairro...

PG - A sua primeira ação política é o jornal do bairro.

HC – É, comentando a falta d'água. (Risos) E bom, seguimos? Como é que então, o Luis Gadelha?

PG – Bom, então você entra na faculdade, e vira, essa coisa começa uma atividade intensa?

HC – Não, aí eu entro na faculdade, primeiro a faculdade estava saindo de uma crise, a faculdade sai de uma crise que foi a tal greve contra o Cumplido Santana, que era uma greve, o pretexto da greve foi a transferência de uma aluna, filha de um militar, que entrou, ia se matricular na faculdade, e os alunos não aceitavam essa história de transferência de uma aluna de uma escola pra outra. Aí o pretexto, agora a causa mais imediata da coisa era toda as Ciências médicas como uma sociedade anônima, e ainda era, estava numa coisa de transição, e tudo dominado pelo grupo de fundadores originais, o Cumplido de Santana e o Rolando Monteiro, que eram os dois que exerciam assim um poder total na faculdade. E já tinha presente a luta por um hospital de clínicas, um hospital universitário, então essas três coisas meio que se somavam ali, e durante um ano, quer dizer, o ano que eu estava fazendo o terceiro ano científico e o ano de greve nas Ciências médicas, que motivou a suspensão por um ano e a expulsão de uma pessoa ou duas, e a suspensão de várias. O Virgílio, por exemplo, Virgílio Pinho da Cruz, foi suspenso nessa época. Então quando eu entro a faculdade está ainda um pouco ainda na sequela da greve de 59, do Emílio Francischetti, o Marcos, que todos tinham sido suspensos pelo Cumplido de Santana, então havia muita coisa assim no sentido de reorganizar a vida estudantil, havia assim um pouco um certo contato do pessoal do segundo ano, com os calouros, pra ver como é que podia o pessoal ajudar a organizar o CASAF, Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming, e de qualquer maneira, já tem um negócio, aí eu não sei bem como é que se dá essa passagem porque o trote dos calouros na realidade foi organizado pela turma que entrava, e eu fiz parte lá do grupo que organizou, que a gente organizou um desfile na [Avenida] Rio Branco, com carro alegórico, todo mundo vestido de branco, cabeça raspada, e tal, então, eu ajudei a organizar esse negócio, a partir da organização do trote dos calouros, então, houve um envolvimento com o pessoal do diretório acadêmico, o diretório estava meio fechado, estava reabrindo, não sei bem. E precisava lá se formar uma chapa pra concorrer no diretório. Então, uma das pessoas que organizou o trote dos calouros tinha sido eu, e aí a partir daí houve essa coisa, primeiro contato e tal. Depois acho que já, aí eu não via

bem a questão de movimentos organizados, eu era visto como um católico, e as pessoas diziam que eu era da AP, e eu nem sabia o que era AP. Ah, você é católico, então...

MM – O pessoal AP era chamado de católico?

HC – Era, você é católico, tal, não sei o quê, católico da AP. Eu também não sei o que é AP, o que é isso? Então vem essa área da organização do diretório acadêmico, muito na vida de fazer carteirinhas de estudante, aliás, uma briga tinha sido um dos problemas com o Cumplido de Santana, que foi a proibição que a faculdade fez de se cobrar a taxa, uma taxa do CASAF na hora da matrícula, que era a principal fonte de renda pro diretório, na hora da inscrição você preenchia os formulários, pagava a taxa de matrícula na faculdade, e pagava também o recibo do CASAF. Uma das coisas foi de novo restabelecer esse negócio, e acho que se conseguiu, teve uma promessa da faculdade de permitir voltar a cobrar esse negócio. Isso é o que? 60. Estamos em 1960, então 60 é o que é uma vida associativa, uma vida de diretório acadêmico, mas no sentido do diretório acadêmico ali prestando alguns atendimentos, fazendo apostila, que era um problema grave.

PG – Tipo grêmio.

HC – Tipo grêmio, fazendo apostilas, organizando algumas festinhas, a gente ficava até tarde, preparando o salão do CASAF, a gente fazia tudo, lavava, tinha umas dez pessoas que faziam tudo, e logo depois vem uma coisa que era preciso, bom aí tinha, lógico, a melhoria do Anatômico, a gente conseguir peça pro Anatômico, isso junta muito as pessoas, negócio de trabalhar no Anatômico, que nem tem mais, você ficar dissecando peças em conjunto, aquilo era talvez um dos momentos assim, ou vendo lâminas de histologia, mas aí já é, não é primeiro ano, então, principalmente no Anatômico, que é um negócio misterioso, você está mexendo com cadáver e tal, e aí eu dei uma deslanchada boa em termos de aprender, aí me tornei um ótimo aluno, não sei em termos de colocação, mas eu conhecia todos os buracos dos ossos, todos os trajetos de nervos, todos trajetos de artérias, ossos do crânio, aquele negócio todo, histologia, reconhecia qualquer lâmina, então foi um negócio gozado que eu era um aluno muito bom, eu era um aluno muito bom assim estudioso, e tal, com facilidade, assim, uma facilidade de aprender muito rápida e trabalhador, uma boa mão de obra, um calouro que está na faculdade, se dispõe a ficar depois das cinco horas, atendendo telefone, batendo à máquina, que não sabia bater, mas eu catava milho, fazendo carteirinha, assinando carteirinha de sócio do diretório, organizando as festinhas e tal.

Mas logo em seguida no segundo ano, você já tem renúncia do Jânio, então tem um momento assim extraordinário na faculdade, que o segundo ano inteiro se rebela, eu já estava no segundo ano, e depois uma aula de fisiologia em que Arnoldo da Rocha e Silva, chega e diz: "Eu não sou comunista, eu sou um socialista, eu não sou contra os militares, mas acho que, e sou contra a greve, mas acho que nesse momento (ia haver uma assembléia nessa mesma tarde aí), mas eu digo a vocês o seguinte: se vocês não votarem pela greve, eu vou suspender o meu curso, porque o que vai ocorrer nesse país se o João Goulart não tomar posse vai ser uma coisa caótica, jamais vamos nos recuperar uma das ditaduras mais terríveis que vai ocorrer" e tal, tal, tal. Já previa, no fundo ele estava prevendo 64, né. Aí, o segundo peso sai e vota fechadinho a favor da greve e tal, e aí tem coisas muito engraçadas, o presidente do diretório era o Héber Rezek, hoje prefeito de Barretos, que eu encontrei outro dia em São

Paulo numa cerimônia da LBA, assinando os convênios com o Raphael e tal, e o Héber, que era presidente do diretório e eu era o primeiro secretário. O Héber resolve ir se aliar às forças de Leonel Brizola, então ele me leva, ele vai junto comigo ao reitor, Haroldo Lisboa da Cunha, e diz "magnífico venho comunicá-lo que eu vou me juntar às forças da legalidade, juntar para defender a democracia". Aí o Haroldo Lisboa diz: "Meu filho, mas eu acho que o seu lugar é aqui ao lado dos seus companheiros, dos alunos das Ciências médicas e tal, mas se você acha que deve ir vá, vá porque eu também fui um revolucionário. Me rebelei contra a vacinação obrigatória na escola militar".
(Risos de todos)
Essa eu contei outro dia pro Héber, o Héber morreu de rir, ele já não lembrava mais, parece que o Héber não conseguiu passagem, foi aquele negócio, não foi pra lugar nenhum, sumiu, e a gente ficou nas Ciências médicas, Fernando [...] que estava entrando no primeiro ano, Moisés [...], que era irmão, estava no quarto ano, e Martinelli que está lá em Brasília na secretaria de Saúde, mais meia dúzia de pessoas organizando a resistência nas Ciências médicas. Então nós preparamos todas, não tinha, não era armas nessa época, não, tinha cartazes, mimeógrafo, tinta, papel, nós pegamos tudo aquilo, levamos pra dentro do Anatômico, das cubas, esvaziamos, tiramos o formol daquele negócio todo, cobrimos a coisa do Anatômico, botamos peças em cima, e fomos pra rua, aí já começava a haver uma certa organização, já começava a ter presente a coisa do PC, a presença do PC, eu tinha ido freqüentar algumas reuniões do PC com a Anita Prestes, reunia pessoas pra dar cursinho no edifício Marquês do Herval, na [Avenida] Rio Branco.

PG – E quem lhe chamou pra primeira reunião da Anita?

HC - Moisés [...] Gargalhadas.

HC – Aí, então em 61 já está um pouco mais presente, né, a questão dos partidos políticos e tal, mas aí a gente vai pra, já começa a aparecer um pouco isso, o negócio de uma resistência, enfim, muito gás lacrimogêneo na Cinelândia, correria e tal, pra lá, pra cá, ainda não, o que vai ocorrer depois disso, de 61 pra 63 é essa presença mais permanente do PC nas próprias Ciências médicas, e chega a ter uma base de estudantes com mais de 30 estudantes fazendo parte e tal.

PG - Aí já filiados?

HC –É, ou como simpatizantes, era visto como uma ampliação.

NM – Porque tinham as duas categorias.

HC – É, ampliação era eu, não era propriamente do núcleo ali, porque eu ainda era visto como católico e...

NM – Ah tem que estar ateu.

HC – E o Zé Luis, que é um radiologista, que também está em Brasília, que era da minha turma, me discriminava, achava que, dizia que eu era um, o que seria um reformista hoje, né,

eu não era bem reformista, eu era um católico, eu não tinha tradição de ser de esquerda, nem comunista.

MM – Eu ia levantar uma questão, assim esse período em que você é levado para as reuniões do PC, como é que era a discussão sobre a questão da resistência? Qual a posição, já que havia, quer dizer, eu nunca sei se nessa época já havia algum tipo de tensão entre o PC e o Brizola. Havia alguma coisa nesse sentido?

HC – Não...

MM – Uma visão diferente do PC em relação a...

HC – Não, no caso o pessoal não captava isso, era o negócio da legalidade, a defesa da legalidade, do terceiro exército rebelado no Rio Grande do Sul, negócio que todos nós pegávamos o rádio pra escutar as transmissões em ondas curtas, as transmissões do Rio Grande do Sul, no diretório, uma das coisas mais importantes era sintonizar o rádio pra acompanhar o que Brizola dizia no Rio Grande do Sul, e depois as manifestações de rua na Cinelândia, ir pra rua, e os altos falantes ligados e tal, e acompanhar aquela movimentação em termos de defender a legalidade, defender a posse do Jango, mas não, pelo menos não passava nenhum grau de tensão, de oposição aí, né, isso não passava, e por dentro da universidade era isso, uma definição de muitos professores a favor da greve, da paralisação, em defesa da posse do Jânio, em defesa da posse do Jânio.

PG - Nessa época as Ciências médicas já tinham um peso no movimento estudantil ou era uma coisa que...

HC – Estava crescendo, as Ciências médicas já em 63 tinha a tal base do PC que era considerada a maior base do Rio de Janeiro, não é, a tal greve de 58 tinha marcado muito, quer dizer, tinha sido um órgão de peso na UNE, em função muito da greve de 58, e depois da greve do "um terço", de 61, e depois já é, é antes ou depois de Jango?

MM – A greve do um terço?

HC – Eu acho que é antes, a grave do um terço acho que ainda é com Jânio Quadros. Isso é uma coisa interessante de ver, porque a greve do um terço, há uma definição de greve também aí, e é uma coisa que influi na eleição da UME e da UNE.

NM – Quem é que hegemonizava o movimento estudantil nessa época?

HC – Aí eu via isso dentro da faculdade, eu não estava lá, entendeu, então era a coisa da AP que estava surgindo, era o PC, era o que chamava na época dos, era o Cacareco, que era o pessoal da faculdade também na Praça da República, que depois se tornou...

NM – O Caco?

HC – Não, lá do lado de lá.

MM – Esse do Cacareco é o pessoal do hipopótamo em São Paulo?

HC – Não, era o pessoal que controlava o restaurante do... O Calabouço. O controle do restaurante, [...] tinha um papel destacadíssimo, Cely Pereira Villetti, que eu encontrei outro dia como urologista do Hospital da Marinha, eu acho, Cely Pereira Villetti, junto com Héber Rezek, junto com, todos tinham uma atuação, e o Virgílio Pinho da Cruz, todos tinham uma atuação, eram os líderes da greve de 58, eram os que representavam as Ciências médicas no Conselho da UME e da UNE, sendo que o Cely, o Virgílio, o Emilson, e eles tinham o controle do restaurante, era um negócio importantíssimo, e as Ciências médicas nessa época, chegou numa aliança com o Cacareco, a ter o controle do Calabouço, isso era um instrumento de poder extraordinário, primeiro que era o local onde se faziam as reuniões, local onde havia, digamos a agitação se dava no restaurante, e controlar aquilo, aumentar o preço, diminuir o preço, esse negócio era, a Casa do Estudante também, do alojamento dos estudantes, que a UME mantinha, né, autorizava ou não autorizava que os estudantes de fora se hospedassem, e o Cely, o Virgílio num certo momento, e esse Emilson.
Emilson era muito amigo do Virgílio, e tinha o controle de toda essa, de todo o negócio do restaurante do Calabouço e das tais possibilidades de hospedar aluno e tal, agora, mas quem tinha esse controle mesmo era o grupo do Cacareco, agora eu esqueço como é que ele chamava, que era digamos a aliança que o PC fazia, era o grupo, não seria um grupo fisiológico, a denominação é mais pejorativa, então, você tem isso, quer dizer, a minha entrada na política estudantil de nível nacional, estadual, só se dá em 64, eu fazia um pouco, eu era a face interna do CASAF, eu fazia o trabalho interno de articulação interna, de organização interna, muito pelo lado de fazer funcionar o centro acadêmico, eu não estava nem vinculado a nenhum partido, nem era um orador de assembléias, e tal, nem era um delegado nos congressos, eventualmente, eu ia um pouco pra votar, um pouco ali pra fazer, vai acompanhar, e quem articulava nessa época era o Virgílio, o Cely, depois o Moisés começou a fazer isso um pouco, mas ele não tinha o menor jeito pra articulação política, então ele acabou saindo, Moisés [...]. Agora pelo lado interno, não, esse negócio de fazer o cine-clube, de fazer funcionar a biblioteca, organizar o negócio do departamento de apostilas, e depois duas coisas cruciais na história lá das Ciências médicas, que foi organizar a biblioteca da faculdade, num andar inteiro que estava abandonado, e aí, foi quando eu conheci o Piquet Carneiro, Piquet Carneiro, ele recém entrado, havia ganhado um concurso pra livre docente, e resolveu movimentar a faculdade, movimentar a universidade, então ele começa a "Vamos ter que ativar a biblioteca, não é possível uma faculdade existir sem biblioteca", então a gente organiza uma brigada de limpeza do quarto andar, pinta-se, arruma-se a biblioteca, aquele negócio assim bem espontaneísta, dona Wanda, a bibliotecária ainda, a mesma dona Wanda, e o Piquet então começa a aparecer como sendo a pessoa que não só é simpática aos alunos, como também quer movimentar a faculdade, e logo em seguida, a campanha pelo Pedro Ernesto, que já tinha sido motivo da greve de 58, e o Piquet como amigo e médico do Lacerda, ele se dispõe a ir articular essa coisa toda, ele é médico e amigo do Lacerda, ele é medico e amigo do Paulo Roberto, Arthur da Távola, autor do projeto de reestruturação da universidade, o outro movimento que é o movimento pelo hospital, e pela unificação de todo mundo num único local, quer dizer, os cursos eram todos dispersos, era uma loucura, você tinha uma aula às dez horas da manhã no Cajú, e tinha que sair correndo pras 11 horas ir à Santa Casa, e a uma da tarde estar em Bonsucesso, então você tinha que fazer uma trajetória completamente

maluca, todo mundo dava presença pra todo mundo, não se fazia, tinha um curso de lepra, que era num lugar, um curso de tuberculose, que era num ouro lugar, e o Piquet então começa, junto com o Landman, que está no Hospital dos Servidores do Estado, a organizar esse negócio, e aí tem dois, pelo lado, digamos, da política estudantil mais geral, a grande palavra de ordem são as reformas, a reforma universitária, então você está na luta pela reforma tem o congresso da UNE na Bahia que marca, mas essas coisas eu não ia, eu só vou participar do Congresso da Une em 64, depois em 65, então, no plano externo você tem a luta pelas reformas, praticamente a reforma universitária, a manutenção da gratuidade do ensino, continua o negócio do um terço que foi uma grande derrota em 61, a greve do um terço, então é a democratização dos colegiados da faculdade e tal, e digamos, internamente, a luta pelo Pedro Ernesto, o que aglutina e aí começam a haver umas divergências, o que seria uma espécie de tendência trotskista e uma tendência que seria mais próxima ao Partidão e tal, ao PC.
E pela direita, o movimento tem origem na PUC, o movimento solidarista, do solidarismo, que se apresenta depois como movimento de Direita, que é 1960, ele adotou um nome lá que eu não me lembro mais, que vem como uma espécie de resposta cristã aos movimentos de esquerda ou socialistas ou comunistas, ou trotskistas e tal, aí começa a haver uma demarcação de novo, porque nesses dois primeiros anos de faculdade, 60 e 61, você não tem direita ou esquerda, você tem pessoas que estão reorganizando o diretório, agora 62 pra 63, você já tem uma chapa que assume uma posição de direita que vai disputar, e aí a gente perde a eleição, a gente era, não sei se era Unidade, devia ser acho que era Unidade, perde a eleição.

MM - A esquerda perde a eleição.

HC – Perde a eleição, e vai recuperar no ano seguinte, aí eu sou candidato à vice-presidente, na chapa do Marcos Moraes, o ilustre cirurgião do Hospital de Ipanema hoje, então aí no ano seguinte a gente volta a ganhar eleição e logo depois do golpe, se organiza uma chapa que seria uma chapa ampla, e eu entro como presidente do diretório, numa composição de esquerda, com, digamos hegemonia do PC, então aí a eleição de 64 é uma eleição interessante porque dá Manchete no Correio da Manhã, assim a democracia vence nas Ciências médicas, porque foi a primeira eleição depois do golpe, primeira eleição estudantil, logo não sei em abril ou maio, por ali, logo depois do golpe, isso dá um enorme destaque e tal, a aí todo o trabalho de chamar, aquela coisa toda, chamar Hermano Alves pra vir fazer palestras, chamar os jornalistas do Correio da Manhã, que vão fazer os movimentos culturais nas Ciências médicas, não é?

MM – Nesse período eu gostaria de... Você falou que você era um bom aluno e atuava no diretório, você frisou esse aspecto aí, eu gostaria que você falasse um pouco sobre isso, como é que os alunos viam...

HC – Isso [...] era muito importante porque era uma espécie de salvo conduto pra você ganhar uma eleição, porque era visto, o pessoal de diretório era visto como agitador, mau aluno, que tinha feito a greve de 58, tudo estava demarcado pela greve de 58, ou era visto como tendo alguma conotação de esquerda, ou enfim, um pouco o temor da presença dos comunistas, isso já havia, embora essa presença não fosse grande, a presença do PC não fosse grande isso era tão importante que na UNE ou na UME, eu acho, houve uma disputa em que o Lenine foi

candidato contra o José de Souza. O Lenine era de direita, e o José de Souza era de esquerda, então eles faziam a campanha, olha sabe como é que é o Lenine, basta ver o nome dele, Lenine só pode ser comunista, aí as Ciências médicas votou em peso no José de Souza (risos).

MM – Imagina o pai desse Lenine, deve ter um trabalho...

HC – Então, o fato de ser um bom aluno, etc., enfim, se tornou uma coisa importante pra você mostrar que você poderia estar num diretório acadêmico e também fazer Medicina, não era uma coisa de agitadores, ou de estudante profissional, quer dizer, era coisa do estudante profissional.

PG – Sim, mas você havia falado da sua formação, Anita Prestes, etc., nessa época você já tinha algum processo mais consolidado de, não era tipo assim massa mais ativa que estava assumindo postos no diretório?

HC –É, como ampliação...

PG – Como ampliação.

HC - Do PC inclusive. E nesse negócio da Anita Prestes, na realidade foram pouquíssimas reuniões que eu achava chatíssimas, e tal, e na realidade o primeiro livro de formação mais marxista que eu li foi o que Moisés [...] me deu. Foram as Teses sobre Feuerbach...

NM – Já começou bem.

PG – E era a riqueza homem. Risos

HC – Depois... Foram as teses sobre Feuerbach.

MM – Ele está na dissidência. (Risos)

HC – Depois é que eu lia a História da Riqueza do Homem, o Pulitzer, e tal. Depois.

PG – Você foi mais sutil.

HC – Mas aí esse negócio não foi muito adiante, esse negócio da Anita Prestes foram poucas reuniões e tal, depois nem sei bem como é que isso acabou. Eu sei que acabou, e tal.

MM –Eu queria ver uma perspectiva mais de você, como é que você se colocava, a sua atuação política, ser um bom estudante te dava respaldo, tudo bem, mas como é que você via a sua atuação, como é que se concebia essa atuação na universidade, como é que você conciliava, né? Ser um bom estudante e ser um bom militante?

HC – Era muito pelo lado, que você via a senhora, se a faculdade está ruim, não era exatamente aquilo que a gente tinha pensado, não tinha microscópio, não tinha peça no

Anatômico, depois você ia no ano seguinte, no terceiro ano, você ia pros hospitais e cada um estava num canto, tudo desagregado, você não tinha propriamente um ensino...

Fita 3 – Lado B

HC – Perspectiva de melhorar a qualidade. Primeiro não restringir vagas para os alunos que entrassem, não comprometer a qualidade, você tem um ensino que fosse mais ativo e criativo, aqueles anfiteatros que a gente ficava sentado, copiando aulas, e os professores se queixando que não tinham laboratório, que não tinham biblioteca, não tinham condições de dar um bom curso, quer dizer, então era muito pela linha de ter que mudar ou melhorar a qualidade do que estava sendo feito ali.

NM – O Hésio...

HC – Quer dizer, isso do ponto de vista, digamos, da questão mais específica da universidade, e a partir daí você via então a ligação com a idéia da reforma universitária, que é um negócio que não tinha nenhuma formulação pronta sobre isso, mas é uma universidade que tinha que ser diferente, não podia ser aquele negócio que estava ali, embora eu não considerasse aquilo ruim, era possível aprender, estava ali, estava sabendo, e já no terceiro ano eu estava fazendo clínica, eu passava, eu fazia o meu curso de clínica médica, e nas férias passei as férias inteiras tratando de doentes que tinham, que eu tinha examinado nos cursos, os doentes depois se tornaram meus doentes, então eu ia pro ambulatório, colhia sangue, fazia exame de sangue, fazia medula óssea, fazia não sei o que, já começava a trabalhar muito ligado a um amigo do Piquet, e aí acho que isso vai ter importância, é todo um grupo de assistentes, que tinham participado quase todos da greve de 58, e que se filiam ao Piquet, se reúnem em torno do Piquet, no Hospital de Bonsucesso, no antigo IAPETEC, pra ensinar clínica médica, e ali a visão toda é que o ensino é um ensino de lidar com doentes, não é uma aula teórica entendeu? O Piquet dá uma visão mais geral, dá aula teórica de oito as nove e depois você via pra enfermaria trabalhar, e os assistentes do Piquet incutem muito essa idéia de que você tem aprender trabalhando, discutindo casos, examinando, fazendo a história do doente, não é um negócio pra você ficar de fora do doente, num ambulatório, na enfermaria, fazendo exame, então rompe, vai muito contra o ensino livresco, teorizante, a coisa distanciada da realidade, a gente entra muito nesse negócio, fazer um ensino ligado à realidade, ao problema do doente, já nessa época a gente começa a discutir uma ficha familiar e social do doente, porque não era possível entender, aí que eu começo a fazer a ligação, era preciso fazer esse entendimento daquele doente que está ali na enfermaria, ele tem uma vida anterior, tem uma vida que vai se seguir, que esse negócio todo vai influenciar muito na evolução dele, e que era preciso apreender aquele doente que a gente está vendo ali deitado, com coisas muito mais complexas e tal. E uma visão de pesquisa, que eu nem sabia que seria epidemiologia, mas que você podia reunir dados de dez doentes de leucemia, que eu estava cuidando, e tudo era patologia rara, não entra pela esquistossomose, também tinha esquistossomose, também tinha doença de Chagas, vem, mas isso vem pelo lado das doenças mais graves e mais raras, nelas também tem esse componente, então o que é possível reunir informações sobre dez doentes de leucemia, o

tratamento que foi feito e a partir daí você começar a pensar um melhor tratamento, um pouco uma visão de pesquisa também, de desenvolver, de associar o ensino, o atendimento, a pesquisa e digamos, os determinantes, a gente não chamava assim, a vida social e familiar daquelas pessoas que estavam ali na cama.

PG – O Hésio, esse modelo, essa matriz aí que o Piquet aglutina, quer dizer, qual é a vinculação do Piquet, qual é a escola do Piquet, ele já tem uma relação com a Medicina americana, você tem alguma informação sobre isso?

HC – Ele tem, ele começa, porque nesse momento começa muito também o surgimento das novas teorias de imunologia, então é um negócio maluco porque, eu no quarto ano de Medicina, eu estou no diretório acadêmico, convocando pra, sei lá, pra greve, por causa dos critérios de aprovação dos alunos, estou no ambulatório acompanhando doentes e indo até ver doentes particulares do Piquet, dando plantão numa clínica, não como uma coisa regular, mas às vezes tinha doentes graves, ah, Hésio, você não quer ficar lá vendo esse doente, passar a noite com o doente, é uma coisa muito comum isso, passar a noite com o doente pra ver, então tinha o doente do ambulatório, o doente particular, tinha a greve, a convocação da greve, ou a movimentação estudantil que fosse, e os grupos de estudo que o Piquet organizava pra estudar as teorias mais modernas, que estavam surgindo ali, que vinculavam genética e imunologia, tudo em inglês, quer dizer, uma vertente americana, a gente sentava ali, os assistentes do Piquet e os alunos, pra discutir e traduzir aqueles artigos, apresentar, fazer uma espécie de clube de revista, cada um apresentava um texto, e aí três, do nosso grupo de dez ou oito, um o Iasushi Ioneshigue, depois se transforma no superintendente do INAMPS aqui, está todo vinculado lá à baixada fluminense.

PG -Qual o nome ?

HC – Iasushi Ioneshigue, é um dos ótimos alunos, aliás, um dos melhores alunos, muito inteligente, pouco estudioso, mas muito inteligente, depois eu venho reencontrá-lo como superintendente do INAMPS no Rio de Janeiro na época do anterior ao Aloisio Salles até, muito ligado ao pessoal da ARENA, na baixada fluminense, e três dessas pessoas, o Moniz Rafou continuou no Pedro Ernesto, o Afonso Campos que está em Brasília, os três começam a fazer um trabalho assim de acompanhamento de doentes, a gente faz um trabalho interessantíssimo, analisando, isso no terceiro ano de Medicina, analisando 50 casos de tratamento com diálise peritonial, estudando as complicações da diálise peritonial, as indicações, como é que pode ser, fazendo um histórico da diálise peritonial, e nessa época o Piquet organiza esse negócio da Imunologia e do Tecido conjuntivo, analisar, estudar o tecido conjuntivo, então, no terceiro ano de Medicina eu ia pra Biblioteca de Manguinhos, fazer uma revisão sobre todas as teorias de Bioquímica, de formação do tecido colágeno, e da relação disso com os mecanismos imunológicos.

PG – Essa coisa que é uma área de ponta na época, ela está sendo feita pela clínica, não tinha uma área básica estudando isso?

HC – Não, ao contrário, ele está insistindo pra que a área básica devia se fazer isso, e não fazem. Então ele resolve pegar o pessoal da clínica e os estudantes que estavam no terceiro

ano, os três no caso éramos nós três, ele tentava trazer mais, aí era gozado porque já começava haver uma nítida divisão mais pragmática, os caras que vão fazer cirurgia e querem fazer clínica, e querem voltar pro interior, pessoal de São Paulo, que querem fazer clínica e querem voltar pra ganhar dinheiro, já começa essa nítida separação, entre o pessoal que quer voltar principalmente o grupo de São Paulo, já era muito marcante isso, voltar pra fazer clínica, ou os caras que estão querendo fazer pesquisa, fazer ciência, e tal. Então na realidade, no grupo do Piquet ficamos três alunos, no terceiro ano de Medicina, já com esse negócio da diálise peritonial, fazendo estudos sobre febre reumática e lupus eritematoso, fazendo estudos sobre leucemia, e mecanismos imunológicos das doenças e toda a repercussão sobre o tecido conjuntivo, como é que se dá a bioquímica do tecido conjuntivo, estudando histologia do tecido conjuntivo, agora isso, vinculando isso à preocupação com o doente social que está ali, e epidemiológica, sem ter esses nomes todos, a cadeira de higiene não dá absolutamente nada, e ao mesmo tempo na organização estudantil, entendeu, na questão de organizar os estudantes pra melhorar o ensino, implantar o Pedro Ernesto, resolver o refeitório, construir a sede do diretório que não tinha.

NM – E o que você fazia ainda no Souza Aguiar nesse momento?

HC –Hein?

NM – No Souza Aguiar, o que você fazia?

HC – Não, no Souza Aguiar eu só vou...

PG – Eu ia sugerir só uma pausa...

HC – Mas que antes do Souza Aguiar ainda nesse movimento todo, do primeiro pro segundo ano de Medicina, eu já estava dando plantão no pronto-socorro, no Carlos Chagas, através de uns amigos do meu pai, que me chamou pra dar plantão, então já dava plantão, saia de ambulância, junto com um acadêmico, fazia, fiz um parto, atendi na Pediatria, então no primeiro e no segundo ano eu já estava no pronto-socorro. Depois nas férias do segundo pro terceiro voltei pro, foi Carlos Chagas, depois foi Getúlio Vargas, dei plantões no Getúlio Vargas também, então foi um negócio que desde o início, ainda no primeiro ano, eu já estava muito vinculado à Medicina, mesmo, era um negócio que parecia até conflitante, mas estava no negócio do diretório e estava na Medicina, e muitos, era uma coisa que mexia muito, era muita motivação pra entrar no negócio da reforma da faculdade, porque eu tinha a percepção de que os alunos em geral, se limitavam a estudar a anatomia e a histologia, decorar o ciclo de Krebs na bioquímica, e mais nada, isso não tinha nada com nada. E no fundo eu queria ver como é que o ciclo de Krebs, a lâmina da histologia, a peça da anatomia e o doente do pronto-socorro tinha uma ligação de tudo com tudo, está entendendo?

MM – Quando você falou do movimento estudantil, você falou na separação entre o externo e o interno, e parece que você está a todo momento preocupado com o interno.

HC – É, porque o externo eu só vou chegar em 64.

MM – E você acha que isso aí é uma coisa que você sente que tem mais a ver com você, tem mais uma identificação, essa coisa do interno, essa atuação dentro da faculdade? Você define isso, você faz uma opção?

HC – Não, porque também tinha toda uma opção política, isso era muito debatido no momento de se formar as plataformas das chapas, que era preciso manter a reivindicação dos estudantes, inclusive no que diz respeito a UNE e etc., como, com projetos, ou com propostas vinculadas ao que os estudantes esperavam, entendeu, não era tanto, a ligação com o governo João Goulart, por exemplo, pela reforma universitária, no plano macro, digamos, e com a falta de biblioteca nas Ciências médicas, com a necessidade de fazer apostilas, ou de ter um hospital de clínicas funcionando, a ligação se dava muito em cima, não das grandes bandeiras nacionais, digamos, quer dizer, se dava através da reforma universitária, dentro de uma posição, de uma proposta, dentro de uma bandeira de trabalho vinculado às questões internas da faculdade, às questões internas da faculdade, e isso era uma coisa muito debatida, por isso que era importante ter bons alunos também do diretório, e pra mim era meio misterioso o que o Virgílio ia fazer na UNE, eu não entendia, ou o Cely, eu não entendia bem, e o negócio, ele era uma coisa que era bem bloqueada, era um clube muito fechado, a UME e a UNE, você não podia ir pra qualquer reunião lá, você pra ser chamado pra alguma reunião, você tinha que ou ter feito manifestações brilhantes nas assembléias, coisa que não era o que eu fazia, eu não era, eu fui parecer muito mais como articulador de bastidores do que como orador de assembléias, no sentido de preparar, de garantir a vitória na convenção, todas as chapas eram tiradas em convenção, e havia disputas internas, de quem indicar, como indicar, geralmente quem fazia essa articulação de nomes, como é que a gente monta, isso eu fazia, agora na relação entre o movimento estudantil dentro da faculdade, e a UNE, digamos a cúpula e a direção do movimento estudantil, isso era um negócio que era bloqueado, e que era muito controlado, as pessoas controlavam inclusive os aparelhos de atuação da UME e da UNE, no início da década de 60, era o calabouço, o serviço médico, o serviço médico dos estudantes era um negócio também importantíssimo de ser controlado e funcionava lá no calabouço também, e depois enfim, você vai tendo um desdobramento, o negócio do CPC e tal, muito mais distante ainda, isso pra mim é uma coisa que eu não acompanhei, Cacá Diegues, e Paulo Alberto, e Carlinhos Lyra, etc., isso pr mim era um negócio muito distante, eram eventos, [..], na UNE que eu ia assistir na massa, como massa, não como secretário do diretório acadêmico.

MM – Hésio, acho que...